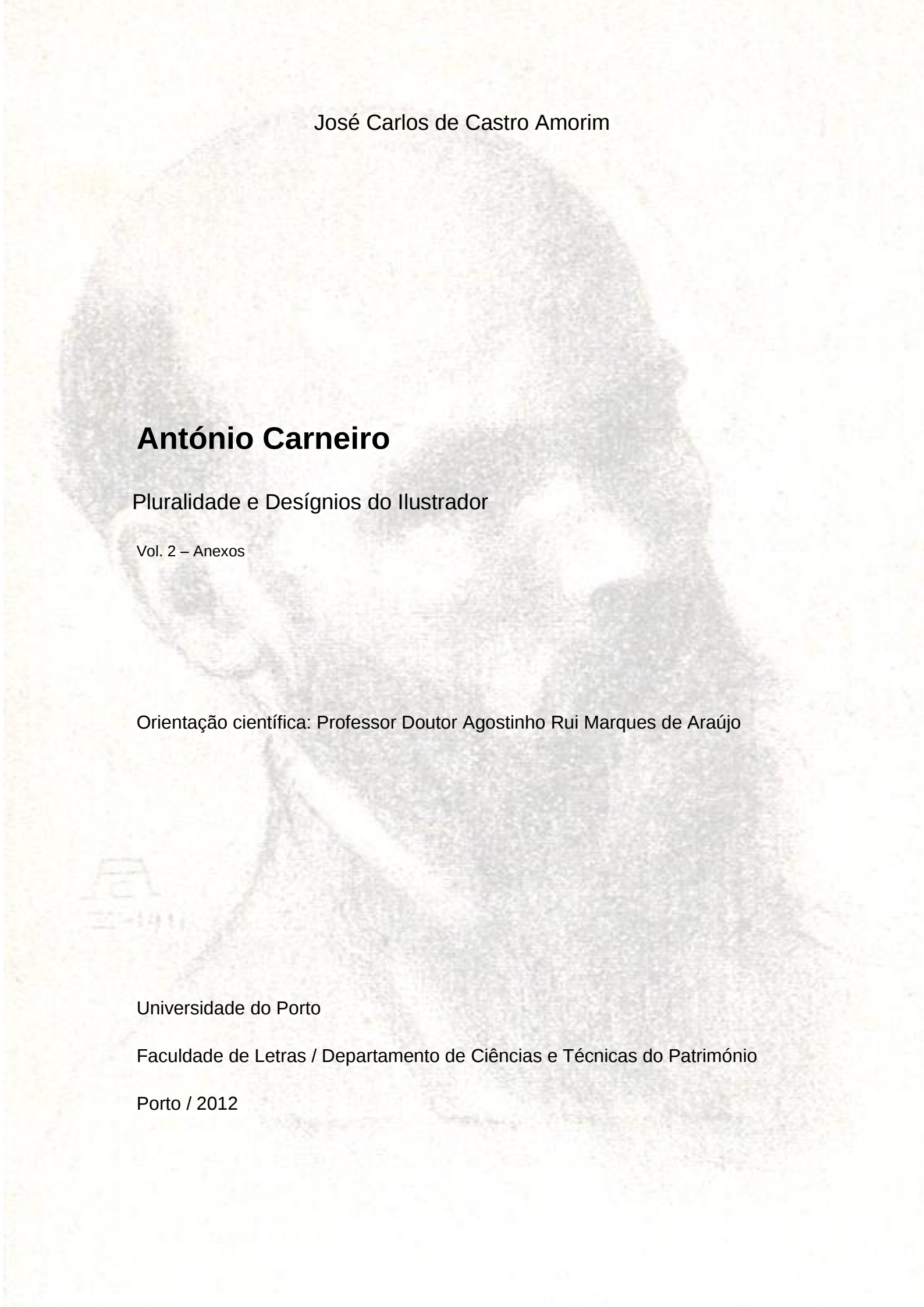




José Carlos de Castro Amorim

António Carneiro

Pluralidade e Desígnios do Ilustrador

Vol. 2 – Anexos

Orientação científica: Professor Doutor Agostinho Rui Marques de Araújo

Universidade do Porto

Faculdade de Letras / Departamento de Ciências e Técnicas do Património

Porto / 2012

José Carlos de Castro Amorim

2.º Ciclo de Estudos em História da Arte Portuguesa

António Carneiro

Pluralidade e desígnios do Ilustrador.

2012

Orientador: Professor Doutor Agostinho Rui Marques de Araújo

Classificação: Dezassete valores. Ciclo de estudos: 2.º Ciclo de Estudos em História da Arte Portuguesa.

Dissertação: António Carneiro. Pluralidade e desígnios do Ilustrador.

Versão definitiva

José Carlos de Castro Amorim

António Carneiro

Pluralidade e Desígnios do Ilustrador

Vol. 2 – Anexos

Dissertação de Mestrado em História da Arte Portuguesa apresentada à
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Direção de Curso:

Professora Doutora Lúcia Maria Cardoso Rosas.

Orientação Científica:

Professor Doutor Agostinho Rui Marques de Araújo

Porto / 2012

Considerações Gerais

O desenvolvimento deste Volume de Anexos teve como principais objetivos proporcionar uma simplificação e também a ilustração de algumas das ideias cruciais do Volume I do nosso trabalho, composto essencialmente por texto.

Inicia-se com uma tabelação biográfica do artista, composta por referências circunscritas à sua vida, evolução formativa, viagens e influências colhidas; obra geral, encomendas, exposições; receção crítica; e acontecimentos genéricos na origem do seu desempenho na especialidade ilustrativa. A par deste objetivo esquemático, a vertente seguinte deste volume, sobretudo iconográfica, pretende suportar visualmente opções e hipóteses de alteração de referências no percurso deste vulto. Nomeadamente, a eventual revisão da data efetiva da morte de Maria Josefina (referida pela maioria dos estudiosos como 12 de janeiro de 1925) para 12 de janeiro de 1926. Divulgamos assim o confronto na base desta análise, efetuado entre uma carta de 1925 pertença do A.H.S.C.M.P. e uma fotografia com inscrição manuscrita da data proposta, oriunda do arquivo de Francisco Costa Queiroz, cunhado de António Carneiro (atualmente em arquivo familiar).

A restante seleção imagética publicada apresenta um conjunto de hipóteses e referências ao homem e à sua obra geral, em consonância com os comprovativos formais das conclusões deste nosso estudo e levantamento laboral. Incluindo exemplos dos principais momentos estéticos da obra de António Carneiro como ilustrador, ao longo das quatro décadas que dedicou a esta atividade, maioritariamente ordenados por sequência cronológica.

A metodologia aplicada na análise dos elementos citados baseou-se fundamentalmente num contacto direto com o objeto de estudo, ou seja, as cartas, as fotografias, os livros, os periódicos, os postais e os cartazes. Não foi nossa intenção elaborar um catálogo exaustivo. Simplesmente optámos pela modesta formulação de uma perspetiva geral da vida e expressividade artística de António Carneiro, sublinhada pela base analítica do volume textual, acentuando o seu enquadramento e pertinência.

Índice

Considerações gerais	5
1. Tabelação biográfica de António Teixeira Carneiro Júnior (1872-1930)	
Incidências existenciais, exposições, obra geral e receção crítica.....	13
2. Fontes e documentos	
Fig.1 Carta de António Carneiro de 4 / 12 / 1925 – Frente	37
Fig.2 Carta de António Carneiro de 4 / 12 / 1925 – Verso	38
Fig.3 Fotografia de Maria Josefina.....	39
3. Apêndice iconográfico	
3.1 O Homem e a Obra	
Fig.4 António Teixeira Carneiro Júnior em postal pessoal.....	40
Fig.5 António Teixeira Carneiro Júnior em 1928.....	40
Fig. 6 Autorretrato de António Teixeira Carneiro Júnior em 1910.....	41
Fig. 7 Autorretrato de António Teixeira Carneiro Júnior em 1923.....	41
Fig. 8 Amarante em 1891	42
Fig. 9 <i>Rosa Atília Queiroz Carneiro</i> , esposa do artista em 1910	42
Fig. 10 <i>Maria Josefina, Carlos e Cláudio</i>	43
Fig. 11 Alguns exemplares da biblioteca pessoal de António Carneiro	43
Fig. 12 <i>Túnica Verde - Maria</i> , ca. 1905.....	44
Fig. 13 <i>Sanguínea Túnica Verde - Maria</i> , ca. 1908.....	44
Fig. 14 Estudo para retrato de <i>Francisco Luís da Costa e Silva Queiroz</i> em 1907	45
Fig. 15 Retrato de <i>Francisco Luís da Costa e Silva Queiroz</i> em 1910.....	45
Fig. 16 <i>Cabeça de garoto de Pascoaes</i> – Retrato de <i>Álvaro de Queiroz</i>	46
Fig. 17 Tríptico de estudos anatómicos com figuras para <i>A Fonte do Bem</i> de ca.1899	46
Fig. 18 Desenho de estudo para o quadro <i>Ecce Homo</i> de ca. 1901.....	47

Fig. 19 <i>Vista da Ponte de Amarante</i> de 1901	47
Fig. 20 <i>Marinha</i> de 1910	48
Fig. 21 <i>Cabeça de Burro</i> de 1923	48
4. O ilustrador – Ideário pictórico regular	
4.1 Retratação complementar	
Fig. 22 Retrato de <i>João de Barros</i> de 1909	49
Fig. 23 Retrato de <i>Visconde de Vila Moura</i> em 1913.....	49
Fig. 24 Retrato de <i>Mathias Lima</i> de 1914.....	50
Fig. 25 Retrato de <i>Alberto de Oliveira</i> por fotografia de 1892, ca. 1919	50
4.2 Retratação de personagens narradas	
Fig. 26 <i>Fanny Owen</i> de 1917	51
Fig. 27 Retrato <i>José Augusto Pinto de Magalhães</i> de 1917	51
Fig. 28 Retrato de <i>Eça de Queiroz</i> executado em 1918	52
Fig. 29 Retrato de <i>Eça de Queiroz</i> executado em 1918	52
Fig. 30 Retrato de <i>Eça de Queiroz</i> executado em 1918	53
Fig. 31 <i>O professor Oliveira Feijão</i>	53
Fig. 32 <i>Príncipe herdeiro D. Carlos</i>	54
Fig. 33 <i>O lavrador Oliveira Feijão</i>	54
Fig. 34 Retrato de <i>Visconde de Vila Moura</i> de 1923.....	55
Fig. 35 <i>Perfil de Mário Beirão</i> de 1924.....	55
4.3 Iconografias de reminiscência das origens. Quotidiano proletário e rural	
Fig. 36 <i>Velho Operário</i>	56
Fig. 37 <i>Oração da pobre</i>	56
Fig. 38 <i>Mendigo sentado</i>	57
Fig. 39 <i>Mendigo em movimento</i>	57
Fig. 40 <i>O caldo dos pobres</i>	58

Fig. 41 <i>Idosa em alimentando-se</i>	58
Fig. 42 <i>Janeiro: Crianças abrigadas</i>	59
Fig. 43 <i>Motivo familiar à lareira</i>	59
Fig. 44 <i>Enxada</i>	60
Fig. 45 <i>Registo feminino em vindima</i>	60
4.4 Mãos como ícones transmissores de estados de alma	
Fig. 46 <i>Capa de O Pinheiro Exilado</i>	61
Fig. 47 <i>Capa de Serão Inquieto</i>	61
Fig. 48 <i>Ars fons meae Vitae, ex-libris de Aarão de Lacerda</i>	62
Fig. 49 <i>Capa de Poeira</i>	62
Fig. 50 <i>Mão emergente de neblina</i>	63
Fig. 51 <i>Abril – Mão de Deus sobre o mundo</i>	63
Fig. 52 <i>Mãos em momento de ovação</i>	64
Fig. 53 <i>Capa de Alma Religiosa</i>	64
Fig. 54 <i>Mãos contornadas em simbolismo de atitude Orante</i>	65
Fig. 55 <i>Capa de A Pátria em êxtase</i>	65
4.5 Apontamentos paisagistas	
Fig. 56 <i>Farol de Esposende</i>	66
Fig. 57 <i>Paisagem subtil</i>	66
Fig. 58 <i>Vista do Brasil – Rochedos do Rio de Janeiro</i>	67
Fig. 59 <i>Muros do quintal – Quinta de António Correia de Oliveira</i>	67
Fig. 60 <i>De altos montes</i>	68
Fig. 61 <i>Casa da quinta da Mafarra</i>	68
Fig. 62 <i>Entrada da quinta da Mafarra</i>	69
Fig. 63 <i>Paisagem da Mafarra</i>	69
Fig. 64 <i>Letra capitular com vista da Basílica de Assis</i>	69
4.6 Cercaduras vegetalistas e heráldicas	

Fig. 65 <i>Ex – libris original de Ignasi Ribera y Rovira de 1908</i>	70
Fig. 66 <i>A herva da fortuna</i>	70
Fig. 67 <i>Os martírios</i>	71
Fig. 68 <i>Espigas</i>	71
4.7 Arvoredos e árvores isoladas	
Fig. 69 <i>Capa de Tentações de Sam Frei Gil</i>	72
Fig. 70 <i>Pinheiro à janela</i>	72
Fig. 71 <i>Pinheiro recortado pela lua</i>	73
Fig. 72 <i>Pinheiral</i>	73
Fig. 73 <i>Erguer da lua</i>	74
Fig. 74 <i>Vista de torre sineira no arvoredos</i>	74
Fig. 75 <i>Modas da serra – Lua, montanhas e árvores</i>	75
Fig. 76 <i>Capa do memorial a F. A. De Oliveira Feijão</i>	75
4.8 Graciosidade e sentimentalismo feminil	
Fig. 77 <i>Cartaz publicitário Conselho d’ amigo</i>	76
Fig. 78 <i>Duas Rosas</i>	77
Fig. 79 <i>A ronda</i>	77
Fig. 80 <i>Adeus</i>	78
Fig. 81 <i>Capa de Amor Perfeito</i>	78
4.9 Maternidades	
Fig. 82 <i>Estudo para Madona</i>	79
Fig. 83 <i>Maternidade</i>	79
Fig. 84 <i>Maternidade de 1911</i>	80
Fig. 85 <i>Maternidade aplicada na capa de Canções do Amor à terra</i>	80
4.10 Registos infantis	
Fig. 86 <i>Cacho de cabeças de crianças</i>	81
Fig. 87 <i>Lopo</i>	81

Fig. 88 <i>Criança sentada</i>	82
Fig. 89 <i>Crianças em pelourinho – futuro da raça</i>	82
4.11 Religiosidade	
Fig. 90 <i>Padre nosso ou oração do senhor</i>	83
Fig. 91 <i>Sino com pombas esvoaçantes – Jesus</i>	83
Fig. 92 <i>O Senhor abade novo – Cristo</i>	84
Fig. 93 <i>Jesus e o Guerreiro</i>	84
Fig. 94 <i>Anunciação</i>	85
Fig. 95 <i>Virgem do Leite</i>	85
Fig. 96 <i>Estigmatização de São Francisco de Assis</i>	86
Fig. 97 <i>O Altitude</i>	86
4.12 Problemáticas metafísicas e ambiências soturnas	
Fig. 98 – 101 <i>Molduras gráficas interpretativas do poema Jesus dos mundos. Visão do cometa Halley</i>	87
Fig. 102 <i>Grafismo final aplicado no poema Jesus dos mundos. Visão do cometa Halley</i>	88
Fig. 103 <i>A sombra</i>	89
Fig. 104 <i>Suicídio por enforcamento de José Afonso de Albuquerque</i>	89
4.13 Idílios, mitologia e motivos alegóricos	
Fig. 105 <i>Felena</i>	90
Fig. 106 <i>Grafismo de capa da revista Límia</i>	90
Fig. 107 <i>Lua medianeira</i>	91
Fig. 108 <i>Putti</i>	91
Fig. 109 <i>Esfinge aplicada no ex-libris da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra</i>	92
Fig. 110 <i>Esfinge</i>	92
4.14 Contraste estético: Rigor – liberdade expressiva	
Fig. 111 <i>Camões</i>	93

Fig. 112 <i>Gutemberg</i>	93
Fig. 113 <i>Anteu</i>	94
Fig. 114 <i>Criança prostrada</i>	94
Fig. 115 <i>Saudade – esposa com visão de Manoel</i>	95
Fig. 116 <i>Sísifo</i>	95
Fig. 117 <i>Coração com raízes</i>	96
Fig. 118 <i>Galo</i>	96
Fig. 119 <i>Triângulo e pandeiro</i>	97
Fig. 120 <i>Glória in excelsis deo – Menino Jesus</i>	97
4.15 Outros exemplos de participação gráfica publicada	
Fig. 121 Personagens interpretadas pelo ator António Dias Guilhermino.....	98
Fig. 122 Capa de <i>Perfis suaves</i>	98
Fig. 123 <i>Estudo de cabeça de Cristo para A Ceia – autorretrato de António Carneiro</i>	99
Fig. 124 Capa de <i>A morte da Águia</i>	99
Fig. 125 – 132 Retratação de 1908 e 1909, em colecção de postais editada ca. 1910	100
Fig. 133 <i>Perfil de Suze</i>	101
Fig. 134 <i>Dezembro: Nascimento de Cristo – Renascimento de Portugal</i>	101
Fig. 135 Capa de <i>Egas Moniz</i>	102
Fig. 136 <i>Perfil de Narciso de Azevedo</i>	102
Fig. 137 Cópia de <i>A lição de anatomia do Dr. Nicolaes Tulp</i>	103
Fig. 138 <i>Gago Coutinho e Sacadura Cabral</i>	103
Fig. 139 Capa de <i>Poetas e Prosadores</i>	104
Fig. 140 <i>O Cristo das trincheiras</i>	104
Fig. 141 <i>Hino da raça</i>	105
Fig. 142 <i>Convalescente – Maria Josefina</i>	105
Fig. 143 <i>Sacerdote – Retrato de Teixeira de Pascoaes</i>	106

Fig. 144 <i>Camões de pé recitando “Os Lusíadas”</i>	106
---	-----

1. Tabelação biográfica de António Teixeira Carneiro Júnior (1872-1930)

Incidências existenciais, exposições, obra geral e receção crítica

1872	- Numa conjuntura proletária - pequeno bairro denominado “da Graça”, em São Gonçalo de Amarante – António Carneiro nasceu pelas 23 horas do dia 16 de setembro. - Filho natural de Francisca Rosa de Jesus e António Teixeira Carneiro (radicado no Brasil), foi batizado no dia seguinte (17 / 09 / 1872), na Igreja Paroquial de São Gonçalo de Amarante, apadrinhado por António da Silva e Maria da Piedade.
1872 - 1879	- Vive os sete primeiros anos da sua infância sob tutela materna. Abandonado pelo pai e com uma economia deficitária, na sua biografia realça-se o esforço laboral de Francisca (criada de servir e costureira) e a caridade de uma vizinha como principais meios de subsistência. - Com o falecimento de Francisca de Jesus, o infortúnio da solidão e a orfandade parcial levaram-no de Amarante para a cidade do Porto. Em 1879 ingressou em regime de internato no Estabelecimento humanitário – Asilo – do Barão de Nova Sintra, propriedade da Santa Casa da Misericórdia do Porto (S.C.M.P.)
1879 - 1883	- Neste período cita a obrigação de acompanhamento de diversas cerimónias fúnebres como forma de aproveitar a escorrência da cera das velas, para modelar entre os seus dedos pequenas figuras humanas ou aladas. - Revela potencialidades ímpares na área do desenho. Dispendia grande parte do seu tempo livre em ocupação literária e artística, através de consulta frequente de periódicos (com realce para <i>O Zoophilo</i>), cartilhas de missa e folios litúrgicos, copiando com afinco as suas ilustrações, (recebe inclusive possíveis influências ou conhecimentos para trabalhos posteriores, já em idade adulta, de ilustração sobre iconografia religiosa). - Inicia a sua instrução primária.
1884 - 1885	- A título excecional, pela capacidade revelada na área pictórica, a Misericórdia Portuense faculta-lhe o ingresso na Academia Portuense de Belas-Artes (A.P.B.A.). Regista-se em 20 de outubro de 1885 o primeiro requerimento de matrícula / ingresso no curso de Desenho Linear, cujo primeiro ano concluiu obtendo doze valores de classificação. - No decurso do primeiro ano de desenho na A.P.B.A., executa a carvão sobre papel, um busto escultórico masculino. Desenho de escultura, assinado – “António Teixeira Carneiro” - atualmente na col. da S.C.M.P.
1886	- Apresenta no dia 7 de outubro um requerimento de matrícula no segundo ano do curso de Desenho Linear. - Regresso definitivo do seu pai a Amarante, o qual exerce ofício de fotógrafo amador e funda o jornal <i>A Flôr do Tâmega</i>. Este regresso poderá ter permitido o começo de ténues contactos com o filho, à época asilado.
1887	- Em 18 de outubro remete o requerimento de matrícula no terceiro ano do curso de Desenho Linear. - Durante este ano letivo concebe através dos pressupostos técnicos do carvão, um desenho de pormenor escultórico, uma figuração de estatuária masculina completa – ambos assindos: “António Teixeira Carneiro” - e desenha, em aula de observação de modelo vivo, um tronco masculino, - assinado: “A. Carneiro”. Desenhos pertencentes ao espólio artístico da S.C.M.P.
1887 - 1888	- Segundo relatório da S.C.M.P., habilitou-se para exame de instrução elementar.
1888	- Apelidado na A.P.B.A. de “Mongezinho do Nova Sintra” - pelo seu perfil solitário, tímido, introspetivo e condição de asilado em instituição religiosa - no seu percurso escolar foi avesso às habituais boémias, convívios e

	devaneios (e o mesmo aconteceria em fases posteriores). A ação de maior interesse pela tertúlia e integração no meio coincidiu com a sua primeira experiência no periodismo, quando produziu o jornal manuscrito <i>O Mosquito</i> (1888), realizando a ilustração mas também a direção literário – artística. - Em 12 de outubro matricula-se no quarto ano do curso de Desenho Linear. - Do quarto ano de desenho, conhece-se um carvão sobre papel – assinado: “António Teixeira Carneiro” - representativo de um elemento de estatuária masculina. Atualmente depositado na col. da S.C.M.P. - Em 30 de outubro apresenta requerimento de matrícula no primeiro ano do Curso de Escultura. - De acordo com atestado médico, entre 5 e 10 de novembro ausenta-se da frequência das aulas devido a uma “Erysipela de face”.
1889	- No dia 19 de outubro remete requerimento de matrícula no quinto ano de Desenho Linear e no segundo de Escultura. - Entre 12 de novembro e 4 de dezembro esteve impossibilitado de comparecer às aulas devido a internamento hospitalar provocado por uma “Erysipela de cabeça”.
1890	- Após conclusão com aproveitamento do curso de Desenho Linear, é deferido em 28 de outubro o seu primeiro requerimento de ingresso / matrícula no primeiro ano do curso de Pintura de História. - Nova matrícula no curso de Escultura, agora no terceiro ano. Contudo não conclui o curso, desistindo por motivo do suicídio do seu Mestre, António Soares dos Reis, verificado no ano anterior. - Inicia em outubro a regência da disciplina / aula de Desenho do Estabelecimento Humanitário Colégio do Barão de Nova Sintra, sob tutoria de Joaquim Vitorino Ribeiro (Conservador da Galeria de Retratos da S.C.M.P, habitual docente desta classe). - Com dezoito anos, inicia as primeiras diligências para saída do Asilo. A permanência aí teria sido prolongada para além da idade limite pela continuidade da formação e respetiva salvaguarda da sua apetência profissional.
1891	- Em abril cessa as suas funções de docente da aula de Desenho da Misericórdia e sai finalmente do albergue desta instituição. Ensaia uma primeira experiência profissional como amanuense num cartório do Porto. - Almeja pela primeira vez uma residência em Lisboa tendo em vista o seu mercado artístico. - Com o término desta experiência fugaz, volta à cidade do Porto e apresenta em definitivo, no dia 19 de outubro, o seu requerimento de matrícula no primeiro ano do curso de Pintura de História. Este documento surge como a primeira referência oficial ao seu pai biológico, sendo identificado como filho de António Teixeira Carneiro. - Primeira referência nominal ao artista como António Teixeira Carneiro Júnior, para não se confundir com o nome do pai. - Pintor-Poeta, publica o primeiro núcleo de poemas (atualmente perdido). - Conhece o Marquês de Praia e Monforte, futuro protetor e investidor.
1892	- Em 27 de março publica, num periódico de Braga (<i>A Pátria</i>), um novo texto poético, intitulado <i>Realidades</i>. - Em 15 de outubro é aceite o seu pedido de matrícula no segundo ano do curso de Pintura de História.
1893	- Recebe uma distinção em catálogo coletivo (A.P.B.A.), por desenho de <i>Cabeça – Cópia de modelo vivo</i>. O mesmo registo, valeu-lhe a classificação de quinze valores, aprovada em conferência geral no dia 31 de agosto¹. - 18 de outubro é o dia da sua solicitação de matrícula no terceiro ano do curso de Pintura de História. Através de um exercício de cópia da obra

¹ Cf. SAMODÃES, Conde de – *Catálogo da exposição dos trabalhos escolares dos alumnos da Academia Portuense de Bellas Artes*. Porto: Tip. de António José da Silva Teixeira, 1894, p.13.

	<i>Céfalo e Prócris</i>, obtém uma classificação final de dezasseis valores. - Conhece-se uma obra de retratística com características formais que abandonará posteriormente, em favor de uma depuração poética. Intitulada <i>Cabeça de garoto de Pascoaes</i>, segundo relato familiar poderá figurar Álvaro de Queiroz, cidadão amarantino, aos treze anos de idade. - Apresenta na <i>VII Exposição d'Arte do Centro Artístico Portuense</i> uma composição com o título de <i>Amado</i>, uma figura de criança colocada sobre um fundo de "gosto paisagista formalizado através de pincelada miúda", aspetos técnicos próprios do seu contexto formativo. - Oficializa matrimónio, no dia 23 de dezembro, com Rosa Atília Queiroz - companheira perpétua, baluarte da estrutura familiar, complemento espiritual e inspiração para momentos artísticos.
1894	- Em conjunto com alguns literatos e artistas portuenses, assume a direção artística da revista <i>A Geração Nova</i> (1894-1895). Neste movimento efêmero, denota novo interesse pelo periodismo e pela ilustração (seis anos após o fim de <i>O Mosquito</i>), publicando-se sob a sua regência os seis primeiros números desta revista. Em setembro foi substituído no cargo por Ângelo de Lima (1872-1921). - No dia 22 de outubro oficializa registo de matrícula no quarto ano do curso de Pintura de História. Com a cópia da composição <i>Loth e as filhas</i>, obtém uma classificação de dezasseis valores. - Devido a doença, segundo atestado médico, esteve impedido de frequentar o primeiro trimestre de aulas do ano letivo. - Inicia a sua participação expositiva nas mostras coletivas dos alunos da A.P.B.A. - Participa numa coletiva do Centro Artístico Portuense: <i>Exposição d'Arte</i>.
1895	- Através de atestado médico oficializado a 13 de maio, verifica-se a sua ausência nas aulas do segundo trimestre do quarto ano de Pintura de História. - Aos 14 dias do mês de outubro submete o pedido de matrícula para o quinto ano do curso de Pintura de História. - Nasce o primeiro filho, Cláudio. Herdeiro do perfil introspetivo do pai, celebrizou-se na música como intérprete, maestro e compositor. - Acompanhado do pai, que conhecera e perdoara em visita inesperada (motivada no progenitor pelo gradual interesse da imprensa em divulgar o potencial artístico do jovem), após regresso definitivo do Brasil, deslocou-se a Amarante, sendo apresentado a Teixeira de Pascoaes. - Integra o núcleo de artistas presentes na <i>IX Exposição d'Arte do Centro Artístico Portuense</i>. - No mês de dezembro integra exposição do Ateneu Comercial do Porto, enviando sete criações de sua autoria. - Expõe trabalhos seus, na mostra anual dos alunos da A.P.B.A. - Recebe no dia 5 de abril uma epístola de Rafael Bordalo Pinheiro – que se dirige ao artista portuense pelo termo "Carneiro Júnior"². Carta depósito na B.P.M.P.
1895-1896	- Inicia um sustento familiar que manterá ao longo do seu percurso, através de múltiplas encomendas com base no gosto burguês pelo retrato.
1896	- No quinto e último ano do curso de Pintura de História, segundo relatório médico oficializado em 30 de junho, António Carneiro esteve impedido de frequentar a Academia entre 29 de abril e 20 de junho devido a doença, ("bronchite"). - Conhecem-se os primeiros impulsos paisagistas, por meio de duas "vistas da ponte de Amarante", composições ainda rígidas. - Pontua pela primeira - e única vez - no Salão do Grémio Artístico (VI edição) em Lisboa, com dois retratos a óleo - <i>Eduardo Artayett</i> e <i>Artur d'Almeida d'Eça</i> -, participação levemente referenciada em crónica de 2 de maio da autoria de Zacharias d'Aça, publ. em <i>O Occidente</i>, 19.º ano,

² Carta que integra o espólio de epistolografia de António Carneiro, pertencente ao fundo documental da B.P.M.P.

	vol. XIX, n.º 625, de 5 de maio. - Conclui o seu ciclo de estudos académicos em Pintura de História com a prova final <i>Jesus e a Lenda dos mártírios</i> – enviada e vendida em Lisboa, cujas figuras do primeiro plano não podiam ser inferiores a 65 cm - , noticiada pela imprensa e distinguida com dezoito valores – por aprovação de júri em 31 de agosto³. Concorre com outro estudante, Joaquim do Lago Pinho, classificado com catorze valores. - Executa, segundo encomenda da S.C.M.P., um retrato a óleo sobre tela representativo de João de Deus. Ainda distante do intimismo da sua retratística posterior, este quadro foi formalizado no ano da morte do pedagogo e significa para os intentos da Misericórdia portuense, uma homenagem ao poeta e educador da “Cartilha Maternal”. Col. S.C.M.P. - Em setembro, no Ateneu Comercial do Porto, exhibe <i>Jesus e a lenda dos mártírios</i>, composição que, através do apoio de amigos, foi cobiçada e adquirida no meio lisboeta. - Marca presença na mostra anual de trabalhos escolares dos alunos da A.P.B.A. - Inicia diligências para colmatar a insuficiência financeira com vista à continuidade dos seus estudos no exterior. Alberto de Oliveira e Magalhães Lima, entre outros, intercedem perante o Marquês de Praia e Monforte para concessão de uma bolsa. Após solicitação de “esmola” para prosseguir estudos em Paris, possivelmente apresentada em 3 de janeiro, a Mesa Administrativa da S.C.M.P., na sessão ordinária de 30 de dezembro, deferiu um subsídio pecuniário de “160.000 réis” para, em conjunto com os “600.000 réis” oferecidos por dois vultos individuais, financiar a desejada etapa formativa internacional.
1897	- Alguns trabalhos seus integram ainda a mostra anual de trabalhos escolares de alunos da A.P.B.A. - - Participa numa exposição coletiva, promovida no meio portuense pela <i>Fotografia Guedes</i>. - Como forma de abertura mental aos pressupostos globais da arte contemporânea europeia, escolhe a ambiência parisiense (Vanguarda-Simbolismo). Longe da estagnada A.P.B.A., ingressa em janeiro na <i>Académie Julian</i>, sob docência de Jean Paul Laurens e Benjamin Constant. Instalou-se com a esposa no <i>Quartier Latin</i>, no atelier-residência n.º 10 do Boulevard Arago. Destino habitual de artistas e literatos nacionais, recebeu na sua residência diversos vultos portugueses – irmãos Teixeira Lopes; Dr. Correia de Barros; Dr. Dinis Neves; Dr. Alfredo de Magalhães; Francisco de Lacerda. Metódico e empenhado, apesar da sua discrição, recebeu elogios do próprio Benjamin Constant. - Em trabalho permanente, entre a Academia e a sua obra pessoal, os seus interesses e afinidades plásticas ultrapassavam a doutrina da <i>Académie Julian</i> e dos seus mestres titulares. Com presença regular em exposições e museus, absorveu no exterior da Academia princípios e influências para a gradual maturação identitária da sua arte. Professa afinidades com Manet, Renoir, Pissaro. Conhece a obra de Gustave Moreau; Meunier; Besnard; Munch; Puvis de Chavannes; Carrière; e Rodin. - Através de um elemento do espólio fotográfico da B.P.M.P., comprova-se

³ “(...) Para exame farão nos últimos três mezes, um quadro de composição sobre assumpto que previamente tenha sido escolhido em conferência, e tendo em vista que as figuras no primeiro plano não tenham menos de 0m, 65 (...) Fotografia do quadro cujo assumpto é Jesus e a lenda do martyrio, quadro pelo qual foi considerado digno de louvor com 18 valores (...) O quadro original não aparece nesta exposição (...) porque foi enviado para Lisboa e lá o vendeu (...)” – cf. SAMODÃES, Conde de – *Catálogo da exposição dos trabalhos escolares dos alumnos da Academia Portuense de Bellas Artes*. Porto: Tip. de António José da Silva Teixeira, 1897, p. 15.

	a presença de António Carneiro num bairro periférico de Paris, denominado Choisy – Le – Roi. – A corrente simbolista de Puvis de Chavannes defrontava-se com a penumbra e intimismo de Carrière e Rodin nas tertúlias frequentadas pelos bolséis nacionais. - Assiste à apresentação de <i>Le frise de la Vie</i> de Edvard Munch, no <i>Salon des Indépendants</i>: uma das influências diretas para o programa concetual do tríptico <i>A Vida</i>, que inicia em solo francês⁴. - Pode ter recebido informações acerca de um tríptico pintado por Gauguin no Tahiti – <i>D’Où venon nous? Que sommes – nous? Où allons- nous?</i> – com suporte tripartido e teorização da vida humana próxima dos princípios que Carneiro aplica posteriormente no seu tríptico <i>A Vida</i>.
1898	- Nasce Maria Josefina, filha adorada e inspiração artística de A.C., que padeceu precocemente a uma vida pontuada por complicações de saúde regulares. - Carrière funda Academia. Carneiro atenta nos seus princípios mas não abandona a <i>Julian</i>. - Contempla <i>La Deserte</i> de Henri Matisse, no <i>Salon de La National</i>.
1899	- Em maio, contacta com a polémica recusa da <i>Société des Gens de Lettres</i>, após apresentação pública no <i>Salon</i>, da obra <i>Balzac</i> de Rodin. - Visita a exposição dos <i>Nabis</i> promovida pela Galeria <i>Durand-Ruel</i> em tributo a Odilon Redon. - Conhece um <i>Salon</i> da “Irmandade” de <i>La Rose – Croix</i>. - Realiza incursão à zona da Bretanha, “ritual estudantil” que regista em sínteses de algumas ruas dessa área. - Como comprova um estudo de figura infantil para a composição <i>A Fonte do Bem</i>, posteriormente usado em 1911 para ilustrar a capa do catálogo da Exposição realizada no Salão da Ilustração Portuguesa, adota o monograma A.C., idêntico ao de Dürer, como assinatura. No seu diário de viagem, aprecia “o cuidado e interesse de Durer em assinar todas as produções”⁵, uma prática que acabaria também por seguir daí em diante. - Conclui em solo parisiense <i>A Fonte do Bem</i>. - Inicia em Paris o tríptico <i>A Vida</i>, ícone do Simbolismo nacional, inspirado conceptualmente em Munch e formalmente em Chavannes. Conclui o primeiro e segundo painéis, respetivamente “Esperança / Inocência” e “Amor / Maturidade”. - Após conhecer a Vanguarda francesa, necessitou de equilibrar a matéria tributada, complementando o seu “Grand Tour” com uma estadia em Itália (tradição-silêncio e simplicidade), contemplando os grandes mestres. Durante o verão, entre junho e agosto, vagueia em solo italiano, desenhando e escrevendo um diário de bordo rico de considerações estilísticas, afinidades com obras, mestres e reminiscências constantes da sua pátria de origem. Aí observa os mestres da Renascença (Giotto; Piero della Francesca; Fra Angélico; Perugino; Leonardo – de quem depreende a importância do desenho e do estudo -; Miguel Ângelo, entre outros), capta narrativas e influxos para reflexão plástica – ex. <i>A Ceia</i> de Leonardo da Vinci – e tributa inclusive a decorações murais de Puvis de Chavannes, inspiradoras para o seu tríptico <i>A Vida</i>. - Realiza um hipotético registo paisagista da viagem a Itália, intitulado <i>Pátria de Fra Angélico</i>. - Concebe a óleo sobre madeira, um rosto nimbado, provavelmente um estudo preparatório para a composição religiosa de fundo chavariano <i>São João Batista</i>. - Quando preparava regresso a Portugal, foi contratado para decorar, em

⁴ FRANÇA, José-Augusto – *António Carneiro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973, p. 16.

⁵ VASCONCELOS, Flório de – *Notas de Viagem a Itália (1899) de António Carneiro*. (Separata da “Revista de Estudos Italianos em Portugal”, n.ºs 45-47. 1982-1984). Lisboa: Papelaria Fernandes, 1986, p. 114.

	conjunto com outros artistas, o Pavilhão Português da <i>Exposition Universelle de Paris</i> .
1900	- Nasce Carlos, futuro artista, celebrado pintor e ilustrador, que em alguns momentos da sua carreira se aproximou de pressupostos técnicos do pai. - Integrou o quadro nacional de artistas representados na <i>Exposition Universelle de Paris</i>, com <i>A Fonte do Bem</i> (influenciada por Puvis de Chavannes, perdida no naufrágio do <i>Saint André</i>, o seu barco de transporte), um autorretrato, um retrato de Alfredo Coimbra e um possível estudo de cabeça para o painel central do tríptico <i>A Vida</i>. Os seus méritos valeram-lhe uma medalha de bronze. - Retrata a óleo sobre tela a sua companheira, Rosa Atília Queiroz Carneiro, sob um fundo intimista, escuro e diluído. Em cuja figuração feminina de sua esposa, com indumentária grave, contempla atentamente um ramo de flores. Composição simbolicamente intitulada “Rosa com crisântemos”. - Ca. 1900, formaliza a composição “Conto da Noite de Natal”, executada a tinta da China / água-tinta sobre papel⁶. - Ca. 1900, compõe um grafismo sob técnica de carvão sobre papel, intitulado: “Ballada das Fiandeiras”⁷. - Ca. 1900, executa dois apontamentos gráficos representativos de figuras infantis. O primeiro executado com técnica mista de carvão e água-tinta sobre papel; e o segundo a lápis sobre cartão⁸. - Ca. 1900, concebe diversos apontamentos a lápis sobre papel para hipotético projeto de ilustração sob os desígnios: “Invocações - ao Sol, à Terra, às Aguas, ao Homem”; “As Plantas - a raiz, o caule, a flor, o fruto”; “O Azeite - as oliveiras, a apanha da azeitona, no lagar, canção da luz”; “O Linho - a sementeira, linhal florido, a espadelada, o fuso, a roca e o tear, canção do linho”; “O Pão - a sementeira, a ceifar, na eira, os moinhos, no forno, oração ao pão” e “O Vinho - a poda, a cava, as uvas, a vindima, no lagar, canção do vinho”⁹. - Ainda em Paris, numa entrevista publicada em <i>A voz publica</i>, confessa receio e desgosto em expor. Exibe um perfil distante do desejo voraz de aplauso simples do público, de outros contemporâneos. Afirma que projeta exposição para o seu regresso a Portugal apenas pela obrigatoriedade de demonstrar os resultados da sua experiência formativa, em sinal de respeito pelo patrocínio que o financiou. - Referência ao artista na imprensa parisiense: <i>La Republique</i>, de 2 de outubro. - Realiza viagem de estudo à Bélgica, regressando posteriormente ao território nacional.
1901	- Regressa a Paris, supondo-se um possível visionamento na Galeria <i>Volard</i> dos primeiros quadros do “período azul” de Picasso. - Volta a fotografar-se, agora em família, no bairro periférico parisiense Choisy-Le-Roi. Registo integrante do espólio fotográfico da B.P.M.P. - Conclui em solo português o tríptico <i>A Vida</i>, nomeadamente o terceiro e último painel, “Saudade / Morte”. - Regressado da sua experiência formativa, à imagem dos bolseiros do Estado, sente necessidade de mostrar o grau evolutivo da sua arte e a produção pictórica da estadia externa. Embora seja avesso à exibição pública, a necessidade económica e a obrigação perante as entidades (coletivas e individuais), que o subsidiaram levam-no a realizar uma

⁶ Desenho que integra a coleção de arte da B.P.M.P. – vd. B.P.M.P. cota: MA – António Carneiro – 2A.

⁷ Desenho que integra a coleção de arte da B.P.M.P. – vd. B.P.M.P. cota: MA – António Carneiro – 1.

⁸ Desenhos que integram a coleção de arte da B.P.M.P. – vd. B.P.M.P. cotas: MA – António Carneiro – 7 e MA – António Carneiro – 8.

⁹ Desenhos que integram a coleção de arte da B.P.M.P. – vd. B.P.M.P. cota: MA – António Carneiro – 7 e MA – António Carneiro – 12.

	exposição individual na Galeria de Retratos da S.C.M.P. Inaugurada em março, a exposição contou com um núcleo de 89 obras numeradas em catálogo, de onde se destacam a primeira aparição pública do tríptico <i>A Vida</i> e os estudos preparatórios para a tela perdida e laureada na <i>Exposition Universelle de Paris</i> de 1900, <i>A Fonte do Bem</i>. - Das suas experiências formativas transporta consigo livros ilustrados, em redor dos vultos e correntes que apreciou, principalmente Puvis de Chavannes e Rodin. - Em resposta a uma encomenda oficial da Santa Casa da Misericórdia do Porto (mecenas ativo ao longo do percurso do artista, mesmo após a saída do Asilo), para colocação no retábulo do <i>Senhor Ecce Homo</i> da sua igreja privativa, apresenta a primeira versão do <i>Ecce Homo</i>, depurada de atributos iconográficos, prefigurando um autorretrato, sobre um fundo carregado, atmosférico, “carrieresco”, contrapondo-se ao sentido “chavanniano” de registos religiosos precedentes. Em setembro, com base no parecer de Joaquim Vitorino Ribeiro, as discordâncias iconográficas entre o mecenas e a obra em causa levaram à recusa da composição. - Pinta nova vista da Ponte de Amarante, com dedicatória a António Cândido, com maior tratamento de colorido em relação às duas de 1896. - Ensaia numa paisagem, intitulada <i>Pinhal</i>, o caminho de rejeição do naturalismo através da lição simbolizante de Puvis de Chavannes. Reflete aí uma preferência filosófica-lírica por motivos arbóreos, professada inclusive em ilustrações posteriores. - Realiza autorretrato.
1902	- Na sequência das divergências iconográficas em torno do painel para o retábulo do <i>Senhor Ecce Homo</i> da Igreja privativa da Misericórdia e consequente recusa, por parte do encomendante, executa uma segunda versão. Com manto vermelho, corado de espinhos, mãos atadas em cruz oblíqua segurando com a sua mão direita uma cana verde, o <i>Ecce Homo</i> surge sobre um fundo “límpido”, cumprindo as diretrizes iconográficas aclamadas para este episódio cristológico. - Sanadas as divergências com a Mesa Administrativa da S.C.M.P., volta a realizar uma exposição individual na Galeria de Retratos desta instituição. Inaugurada em outubro, nesta mostra evidenciam-se as encomendas de um mecenas eborense – Francisco de Barahona – para o seu palácio, com a presença de três vistas da cidade alentejana e principalmente uma composição de História de escala elevada, para “ornamentação da escadaria”, intitulada: <i>Uma página de História: A reconquista de Évora aos espanhóis por D. Sancho Manuel em 1663</i>. Nesta exposição toma lugar novamente o tríptico <i>A Vida</i> (que foi adquirido pelo mesmo Francisco de Barahona), <i>Raquel</i>, retratística diversa, representações infantis, femininas e um núcleo paisagista de <i>Leça da Palmeira</i>, denotando a “modernidade” de Carneiro no início do século. - Com princípios correspondentes ao simbolismo de Puvis de Chavannes, executa <i>Raquel</i>, temática de índole religiosa. Concorre com esta obra ao Prémio <i>Barão de Castelo de Paiva</i>, promovido pela A.P.B.A. O único voto favorável que obtém dos jurados, por parte de Teixeira Lopes, revela a estranheza do meio nacional e incapacidade de perceção efetiva da semântica simbolista de índole francesa que o artista cultiva. - O sentido espiritualista, expresso nos desígnios pictóricos da sua arte subjetiva, merece homenagem de Joaquim Leitão, inserta no dia 1 de novembro na revista <i>Musical</i>. Dedicado à inteligência poética do pintor e ao ambiente simbólico, próximo de Puvis de Chavannes, que exulta na composição religiosa <i>Raquel</i>, este artigo publica ainda um desenho preparatório para o registo final.

1903	- Nova expedição parisiense para contactos, encomendas – pressupõe-se a realização de encomendas de retratística - e aquisição de bibliografia artística. Admite-se hipotética visita a uma exposição de Gauguin. - Como testemunho gráfico da viagem a Paris, António Carneiro fotografase novamente – à semelhança do sucedido em 1897 e 1901 - , no bairro Choisy-Le-Roi. Col. B.P.M.P. - No mesmo sentido de possível resposta a encomendas de retratística, regista-se uma passagem por Bruxelas. - Na tentativa de expansão ao mercado Lisboeta participa no 3.º <i>Salão da Sociedade Nacional de Belas Artes</i>. É então laureado com medalha de 2.ª classe, tributária do retrato, de grandes dimensões, de Teixeira Lopes, que enviara. Em artigo publicado em Lisboa por Ribeiro Arthur, citado por José-Augusto França, a sua obra recebeu elogios “pela originalidade e reminiscência de Carrière denotada por um certo apagado de contornos”¹⁰.
1904	- Integra a representação nacional na <i>Exposição Universal de Saint Louis</i>, nos Estados Unidos da América, onde foi distinguido com uma medalha de prata (Columbano recebe o <i>Grand Prix</i>). - Formaliza a tela <i>O Batismo</i>. Em correspondência posterior com Manuel Laranjeira (1906) o próprio artista acabou por autocriticar o resultado final da obra, ainda com alguns desígnios académicos, considerando que “a ação e as figuras se perdem, esbatidas na amplitude do ambiente”. Sobrepõe ainda o valor dos estudos preparatórios em relação à obra final. - Participa no 4.º <i>Salão da Sociedade Nacional de Belas Artes</i>. Embora apresente uma superior pluralidade estilística e numérica de realizações, o sucesso e impacto global ficou abaixo do da edição anterior. Enviou seis retratos, quatro estudos de cabeças e quatro paisagens – um registo de viagem à Bélgica com a <i>Catedral de Santa Gudula</i> de Bruxelas e três de Viana do Castelo, com realce para <i>Ao entardecer</i>. - Talvez no quadro de tentativas de fixar residência em Lisboa, procura realizar exposição individual de Pintura e Desenho na capital. - Expõe em outubro na Galeria de retratos da S.C.M.P. um núcleo de trabalhos, destacando-se a abordagem à temática religiosa de <i>A Ceia</i>, seus estudos e possível composição inicial. - Em dezembro pontua novamente o espaço expositivo da Galeria de retratos da Misericórdia Portuense, exibindo <i>O Batismo</i>.
1904 - 1905	- Durante estes dois anos consecutivos de participação nos salões da S.N.B.A. tentou de novo assegurar instalações de residência e trabalho na capital. Em 1905, após alguns meses passados em Lisboa, volta ao Porto e exprime vontade de apenas regressar à capital em períodos curtos, para expor ou recolher alguma encomenda que seja solicitada. Acusa o espírito mercantilizado e hipócrita de Lisboa - restrito ao naturalismo e ao retrato - de insensibilidade perante a profundidade estética da sua obra.
1905	- Remete outra vez participação ao <i>Salão da Sociedade Nacional de Belas Artes</i> (5.ª edição), cinco títulos com nova presença de uma paisagem de sentido subjetivo, de <i>Leça da Palmeira</i>, destino de eleição para trabalho de férias e evolução plástica. - A sua estética teve dificuldades regulares de aceitação devido à incompreensão da opinião pública, desconhecadora dos seus princípios, como comprova um relato do crítico Paulo Osório, devoto de Artur Loureiro e Marques de Oliveira que não aceitava as suas considerações: “... Havia um outro: António Carneiro. Mas esse depois de desperdiçar brilhantes qualidades em obras avessas à sua idiossincrasia, marchou para Lisboa a colher decerto novas desilusões para a sua vaidosa prosápia de homem grande...”¹¹. - Retrata para a S.C.M.P. Alfredo Vieira Coelho Peixoto Pinto de Vilas Boas, com indumentária militar, acompanhado de brasão. Executado a

¹⁰ FRANÇA, José-Augusto – *Ob. cit.* (1973), p. 22.

¹¹ OSÓRIO, Paulo – *Notas à margem*. Porto: Empresa Literária e Tipográfica, 1905, pp. 101 e 102.

	óleo sobre tela, este retrato figura um dos benfeitores da instituição falecido. Copiado de fotografia, segue as normas conservadoras do retrato de aparato. Integra o espólio de retratística votiva aos benfeitores da S.C.M.P.
1906	- Última participação documentada nos Salões da Sociedade Nacional de Belas Artes (6.^a edição), laureada na categoria de Desenho com uma medalha de segunda classe. Esteve representado por quatro trabalhos, dois retratos a óleo – um deles figurando <i>Ventura Terra</i> – e dois desenhos para <i>A Ceia</i>, reflexivos da sua condição de desenhista superior no panorama contemporâneo nacional e da importância que aplica aos estudos preparatórios, que em alguns casos ultrapassam a própria obra final. - Pinta para a Misericórdia portuense dois retratos copiados de fotografias. O primeiro representa uma figura masculina, de contornos definidos, na posse de bengala e chapéu, inserido num fundo límpido, contrastante com o esfumado e diluição formal que o artista apreciou e seguiu ao longo da sua carreira sob o influxo psicológico de Eugène Carrière. O segundo formaliza Inácio João da Silva Porto, acompanhado pela inscrição do ano da sua morte – prática comum nos retratos de aparato dos benfeitores da S.C.M.P. Ambos os registos integram o espólio artístico da S.C.M.P. - Deslocação a Bruxelas comprovada através de carta de 3 de setembro, remetida da capital belga e endereçada a Ramiro Mourão, cuja cronologia é apontada ao ano de 1906. Revela descontentamento face a algumas contingências inerentes ao concurso com José de Brito para a Decoração do Palácio da Bolsa do Porto¹². - Pressupondo-se visitas anteriores, inicia a frequência regular em época estival de residência alugada em <i>Leça da Palmeira</i>. Com presença anual efetivada até 1915, desenvolve as suas diretrizes artísticas e exprime o seu espírito através de um paisagismo reflexivo de estados de alma, ímpar em contexto nacional. Leça constitui no início do século uma estância privilegiada de “refúgio” de diversos intelectuais, literatos e artistas, alguns do círculo íntimo de Carneiro. - Num tributo prestado pela <i>Associação de jornalistas e homens de letras da cidade do Porto</i>, Carneiro recebeu o estatuto de Sócio benemérito da corporação.

¹² FRANÇA, José-Augusto – *Ob. cit.* (1973), pp. 24 e 27.

1907	- Com presença em nova Exposição Universal, agora em Barcelona, recebe conjuntamente com Carlos Reis uma medalha de prata – premiando um elemento de retratística de graciosidade feminil - , tendo Columbano triunfado na 1.^a categoria. - É incentivado por Manuel Laranjeira a tentar um projeto de instalação definitiva em Paris, perante a visão estéril da maioria mecénica em Portugal, incapaz de alimentar e compreender os verdadeiros desígnios da sua poética artística. Apesar de apreciar Paris e por diversas ocasiões manifestar o sonho de permanecer no espírito da “cidade-única do espírito e da arte”, não o concretizou. - Concorre com José de Brito, artista de estética oposta, à decoração do Palácio da Bolsa, da Associação Comercial do Porto – cuja abertura de concurso terá ocorrido em 1906. Desgostoso com algumas condicionantes impostas e emparelhamento com os princípios do colega, acabou por receber o projeto decorativo para o teto da sala de leitura da Biblioteca deste edifício. Compilou em <i>Eco, mensageiro da linguagem universal</i> a figura mitológica de Mercúrio, uma cavalcada – com hipotética proximidade aos núcleos de cavalos de Odilon Redon que poderia ter apreciado aquando da estadia formativa em Paris – e as alegorias à <i>Arte</i>, à <i>Indústria</i> e à <i>Ciência</i>. Revela alteração estética face a obras anteriores, o que implicitamente denota a falta de aceitação e condicionantes do público e mecenas face ao simbolismo que promove. - Figura num fundo grave e saturado – característica da sua verdadeira identidade pictórica no campo da retratística -, o retrato póstumo de António de Moura Soares Veloso, benfeitor da S.C.M.P. Col. de retratística da S.C.M.P. - Frequência estival em Leça da Palmeira. - Inicia também as suas incursões a Melgaço – área onde experimenta conceitos de vanguarda expressionista – fauvista - que se prolongam regularmente até ao ano de 1926.
1908	- Em exposição comemorativa do centenário do Rio de Janeiro, na sua primeira presença no ambiente cultural do Brasil, integrando a seleta comitiva artística nacional com 5 retratos e 7 paisagens, obtém o primeiro prémio, reconhecido com uma medalha de ouro. - Os seus desígnios estéticos pontuam o núcleo de expositores de uma mostra coletiva, subsidiada pela <i>Photografia União</i>. - Em 31 de maio <i>A Flôr do Tâmega</i> noticia a escolha de António Carneiro para execução do retrato de D. Manuel II destinado à Sala dos Capelos da Universidade de Coimbra. Retrato do monarca que António Carneiro concluiu em maio. - Frequência estival em Leça da Palmeira. - Manuel Laranjeira, através de uma carta enviada no dia 12 de fevereiro, convida António Carneiro a passar uma tarde na sua companhia na estância balnear de Espinho¹³.
1909	- Apesar da manifesta descrença na sua implantação no meio lisboeta, provocada pelo insucesso das experiências anteriores, recebe incentivos de Manuel Laranjeira, em carta endereçada no dia 6 de dezembro, para tentar nova mudança do universo portuense para o panorama da capital. Laranjeira insiste em que a residência em Lisboa poderia proporcionar melhorias na sua condição global (artística e financeira). Tal facto voltou a não obter sucesso. - Em alternativa à instalação na capital, inicia estadias regulares em Coimbra, respondendo a encomendas e usufruindo do espírito conventual

¹³ “(...) Querido amigo (...) cá da terra dizem-me que o bom tempo vae continuar. Oxalá. Vou insistir com o Ramiro para combinar com você o dia em que hão de vir passar a tarde commigo (...) Abraça-o o seu do coração / Espinho, / 12 – janeiro – 1908 (...)” – cf. epístola de 12 de janeiro de 1908, endereçada por Manuel Laranjeira a António carneiro publicada em: *Gente Lusa. Arquivo de Artes e de Letras*. I Série, n.º 2, Praia da Granja: fevereiro de 1916, pp. 54 e 55.

	dos seus claustros como aglutinante de reflexão meditativa e labor. Meio claustral esse que se reflete no cenário arquitetónico que aplica em 1925, 1926-27 e 1929 nas diversas versões de <i>Camões lendo “Os Lusíadas” aos Frades de São Domingos</i>. - Em sessão de 22 de maio, o Conselho da Universidade de Coimbra firma acordo com António Carneiro para executar retratos a óleo dos três últimos prelados: <i>António dos Santos Veigas</i>, <i>D. João de Alarcão Velasques Sarmiento Osório</i> e <i>António das Neves Oliveira e Sousa</i>. Em novembro a encomenda encontra-se concluída, recebendo em dezembro o respetivo pagamento de 200.000 réis. - Por vezes ainda é designado pelo nome de assinatura do período de formação na A.P.B.A., como comprova o artigo de Manuel Moura publicado em <i>O Cunha</i> sob o título “Carneiro Júnior”¹⁴. - Frequência estival em Leça da Palmeira.
1910	- Revela desapontamento perante a falta de resposta da clientela e incompreensão face às suas interpretações puramente simbolistas. - Concebe em resposta à solicitação mecenática da S.C.M.P., um retrato – copiado de fotografia – de Joaquim Rodrigo Pinto, benfeitor da instituição, posicionado de perfil. Retrato de aparato, a óleo sobre tela, pertença da S.C.M.P. - Fiel aos seus princípios, pai e chefe de família dedicado, mostrou-se absorto, distante de discussões diretas, de polémicas estéticas e conjunturas sociopolíticas. Na sua simplicidade, chegou a desconfiar de alguns acontecimentos e situações, nomeadamente a conflitualidade entre monárquicos e republicanos que culminou com a implantação da República no dia 5 de outubro. Vindo a inserir-se posteriormente no grupo portuense de íntimos da <i>Renascença Portuguesa</i> – movimento de génese republicana, “dedicado a reflexões de nacionalidade, universalidade e divindade” - os ideais próprios deste núcleo afastaram-no de outras correntes, problemáticas e factos artísticos que eclodiam em Portugal (p. ex., Exposição Livre de 1911 e os subseqüentes Salões dos Humoristas e Modernistas¹⁵ em Lisboa.). - Frequência estival em Leça da Palmeira.
1911	- Inicia em janeiro a sua participação gráfica como ilustrador na primeira série da revista portuense <i>A Águia</i>, “republicana”, “saudosista” e “sebastianista”, futuro órgão da <i>Renascença Portuguesa</i>, recém - criada em 1910 após a implantação da República. janeiro: “Mercúrio” - 1907; 1 de fevereiro: ilustração direta do poema “Portugal” de Unamuno - 1911; 15 de fevereiro: “Victor Hugo” - I - 1911; 1 de abril: “João de Deus” – III – 1911; “Manoel de Sousa Pinto” – II – 1911; julho: “António Nobre” – V – 1911. - Beneficia em fevereiro de uma nomeação a título provisório para a docência da disciplina de Desenho na A.P.B.A. Passa a usufruir de uma melhoria económica, enaltecida por António Cândido que o felicita pela nomeação (carta endereçada ao artista no dia 15 de novembro, após difusão da notícia na imprensa). - Regressa ao universo expositivo lisboeta, através de uma mostra individual: <i>Quadros e desenhos de António Carneiro</i>. Foi a primeira oficializada, tendo lugar em dezembro, no Salão da Ilustração Portuguesa. O catálogo de 171 obras foi prefaciado por Manoel de Sousa Pinto, defensor do paralelismo Carneiro – Carrière. A mostra incluiu óleos, aguarelas, sanguíneas e carvões de programa livre; e alguns núcleos de ilustração direta, como: “Crayon para o soneto Portugal de Unamuno”, n.º 128; “Ilustrações para algumas poesias de João de Deus”, n.ºs 129–142; “Originaes para postaes”, n.ºs 168-171. - A exposição e o artista mereceram honras de destaque na imprensa.

¹⁴ CASTRO, Laura – *António Carneiro. O universo no olhar*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos / Afrontamento, 1996, p. 21.

¹⁵ CASTRO, Laura – *Pintores Portugueses. António Carneiro*. Lisboa: Edições Inapa, 2004. pp. 21-25.

	Manoel de Sousa Pinto publicou em 25 de dezembro: “A exposição de António Carneiro no Salão da Ilustração Portuguesa”, no n.º 305 da revista <i>Ilustração Portuguesa</i>. Em 28 de dezembro, Albino Forjaz de Sampaio, em <i>A Luta</i>, confessa uma preferência pelo desenho, com realce para as ilustrações das poesias de João de Deus e para os estudos preparatórios de <i>A Ceia</i>. No mesmo periódico, um relato de José de Figueiredo, publicado a 31 de dezembro, classifica a exposição como um “acontecimento” e acentua comparações estilísticas com Carrière, Rodin e mesmo Rembrandt¹⁶. - Como sublinha a revista <i>Ilustração Portuguesa</i>, no n.º 6, publicado no dia 1 de janeiro de 1912, em 22 de dezembro de 1911 a exposição recebeu a visita oficial do Presidente da República, Manuel de Arriaga – que adquiriu uma obra de índole paisagista, tratando o mar de <i>Leça da Palmeira</i>. - Com constantes visitas de figuras ilustres, destaca-se a presença e aquisição de obras por parte de Carlos Reis (dois desenhos e dois registos paisagistas, para colocação inédita no Museu Nacional de Arte Contemporânea, que dirigia), José de Figueiredo e Abel Botelho. Segundo avançou o jornal <i>O Século</i> no dia 21 de dezembro, esta exposição representou um êxito de vendas, fator determinante para o sustento familiar¹⁷. - Frequência estival em Leça da Palmeira.
1912	- Após formação oficial da <i>Renascença Portuguesa</i>, assume, a convite de Teixeira de Pascoaes (no segundo encontro relatado entre ambos), a direção artística da II Série da revista <i>A Águia</i>, órgão literário do movimento. Permanecendo imune a posteriores cisões no grupo, que originaram a própria retirada de Teixeira de Pascoaes – diretor literário entre 1912 e 1917 -, manteve-se ativo, apenas com ligeiras interrupções pontuais, até à proximidade do final da sua vida. Dedicado ilustrador, a sua direção distinguiu-se pela publicação de dezenas de obras de artistas e estéticas distintas da sua, assim como crónicas e artigos críticos acerca da temática artística. Pontuou a II série com 48 complementos gráficos da sua autoria; a III série com 8; e a IV com 2. - Viaja até solo francês, nomeadamente a Paris, acompanhado pela sua família, onde contempla o ambiente artístico em exposições, museus e adquire livros de arte. Conhecem-se inclusivamente manhãs ocupadas a visitar o Museu do Louvre. - Referenciado na imprensa brasileira em dezembro, com um artigo de Abel Botelho no <i>Jornal de Notícias da Baía</i>. - Em 15 de abril, o n.º 321 da revista <i>Ilustração Portuguesa</i> menciona a participação de António Carneiro, através da obra <i>Esther</i>, na <i>Exposição Hispano Portuguesa</i>¹⁸. - Frequência estival em Leça da Palmeira.
1913	- Volta novamente ao círculo sociocultural parisiense, em nova viagem. - Executa paisagem (urbana), intitulada <i>Ponte de Lima em dia de Chuva</i>. - Sintetiza através do desenho um estudo paisagista intitulado <i>Erguer da lua em Matosinhos</i>. - Frequência estival em Leça da Palmeira.
1914	- Evidenciam-se as referências constantes na imprensa brasileira ao artista: <i>Jornal do Comércio</i> – Rio de Janeiro – 30 de junho (<i>Os cristos de António Carneiro</i>, de João Luso); 9 de julho (<i>Dominicais</i>, de João Luso); 28 de julho (artigo de Alberto de Oliveira). - Em carta de 7 de abril, endereçada a Eugénio de Castro, demonstra intenção de lhe desenhar um retrato e professa ligação à revista literária <i>A Labareda</i>, projetada e dirigida por Narciso de Azevedo, Soares Lopes e Manuel de Azevedo. Solicitou a Eugénio de Castro um soneto para

¹⁶ FRANÇA, José-Augusto – *Ob. cit.*(1973), p. 25.

¹⁷ Idem – *Ibidem*, p. 26.

¹⁸ *Ilustração Portuguesa*. n.º 321. Lisboa: 15 de abril de 1912, p. 501.

	publicação no primeiro número desta revista – em junho, o primeiro número de <i>A Labareda</i> publicou o soneto <i>Na Via Appia</i>, do poeta coimbrão. - Em viagem e posterior estadia em solo brasileiro (Libertação: ausência de história – despojamento; Futuro) – hóspede dos escritores Júlia e Filinto Lopes de Almeida - realiza, até ao ano seguinte (1915), um núcleo de aguarelas rápidas, de espírito depurado, livre, impressões de bordo e interpretações paisagistas do Rio de Janeiro, Baía e Curitiba. O Brasil representa uma situação estética distinta no percurso de António Carneiro. - Realiza em julho a exposição individual <i>Algumas pinturas e desenhos de António Carneiro</i>, na Galeria Jorge, de Jorge de Sousa Freitas, situada na Rua do Rosário no Rio de Janeiro. O total apresentado era composto por 50 execuções a óleo, maioritariamente retratística, 9 aguarelas e 76 desenhos. - Através de epístola de 23 de junho, remetida no Rio de Janeiro e endereçada a Cláudio Carneiro, percebe-se a existência de familiares de A.C. em solo brasileiro, nomeadamente em Curitiba. O artista relata pormenores da viagem marítima até ao Brasil, descreve a ambiência local e refere que o primo Bagão e respetiva esposa – vindos de Curitiba - receberam-no aquando do seu desembarque no Rio de Janeiro¹⁹. - Em outubro repete a mostra <i>Algumas pinturas e desenhos de António Carneiro</i>, no Salão Nobre da Associação Comercial do Paraná, em Curitiba. - Nas exposições brasileiras, segundo relato de João de Barros, verificam-se cancelamentos de negócios de compra de obras do artista, devido ao receio de degradação da conjuntura económica global no contexto da Grande Guerra. - Contrariando o êxito obtido com a exposição lisboeta de dezembro de 1911, e as consequentes apreciações na imprensa que lhe foram dedicadas no ano seguinte, apenas nos começos deste ano, em resposta a pedidos diversos, volta a enviar e a permitir a publicação de um artigo exclusivo, com reproduções de obras de retratística na revista <i>Ilustração Portuguesa</i>. Intitulado <i>Últimos desenhos de António Carneiro</i>, publicado no n.º 414 da II série, com data de 26 de janeiro, no texto que acompanha os 12 desenhos Carneiro Junior é referido pelo autor como “um artista apreciado no meio intelectual e elite lisboeta”²⁰. Afeição fugaz, que não convenceu o pensamento do artista quanto ao panorama vivencial e de gosto de Lisboa. - Frequência estival em Leça da Palmeira.
--	---

¹⁹ Carta existente no A.H.S.C.M.P., reproduzida no álbum: Aa. V.v. – *António Carneiro revisitado na galeria dos benfeitores da Santa Casa da Misericórdia do Porto*. Porto: Santa Casa da Misericórdia do Porto, 2011, p.115.

²⁰ *Ilustração Portuguesa*. II Série, n.º 414. Lisboa: 26 de janeiro de 1914, p. 102.

1915	- Surpreendido pelo conflito súbito da 1.^a Guerra Mundial na viagem de 1914, ficou retido em solo brasileiro, regressando neste ano a Portugal. - Em ca. de 1915, recebe através de carta um possível incentivo de Álvaro Pinto (1889–1957), companheiro da Renascença Portuguesa, para que conceba graficamente uma vinheta sob o lema “Trabalho e autonomia”, para António Sérgio (1883-1969). - Último ano de frequência estival em Leça da Palmeira. - Inicia, com prolongamento até à década de 20, frequências assíduas em locais (habitações de amigos e estâncias termais) no Minho, Douro e Alto Douro, com influência direta nas suas concepções artísticas (paisagem e ilustração). Regista “vinhedos; ramadas; habitações rurais; recantos rústicos e momentos íntimos com leveza e rapidez”. - Inicia a frequência nas termas das Caldas de Melgaço. Contempla as escarpas sobre o rio Minho, tema do seu estudo, pelo colorido vivo e força pictoral do expressionismo. Situação de vanguarda, sem paralelo em Portugal, e que se distingue da melancolia aplicada nas paisagens de Leça da Palmeira. - Oferece retrato concluído em dezembro a Eugénio de Castro (posteriormente publicado em <i>Os Grandes de Portugal</i>, de 1916), amigo, colaborador em movimentos literários conjuntos e intermediário em algumas encomendas efetuadas ao artista. O retrato apresenta a seguinte inscrição: “A Eugénio de Castro / Artista Admirável / Amigo querido”.
1916	- Figura possível estadia em Miramar, concebendo uma obra sob o título <i>Pinheiros</i> - situação de regresso ao motivo arbóreo predileto, o pinheiro, considerado um “poeta do silêncio imaginário”, perene de sombras, à imagem do perfil do artista – contrapondo-se com esta estética ao naturalismo celebrado e seguido por discípulos e apreciadores de Silva Porto²¹ - Em carta de 11 de maio, recebe a primeira encomenda da Universidade de Coimbra através de Eugénio de Castro: o retrato de <i>Alexandre Cabral</i>. Esta ligação à instituição académica irá permitir-lhe algum rendimento regular. - Conclui, em junho, os retratos de Carlos de Mesquita e Francisco Martins para a Universidade de Coimbra. - Em carta de 22 de julho, endereçada a Eugénio de Castro, percebe-se que no decurso das encomendas de retratística da Universidade de Coimbra, era o próprio A.C. que providenciava a encomenda das suas respetivas molduras²². - Expõe em outubro um conjunto de quarenta e quatro desenhos – retratística - na exposição individual <i>Alguns retratos de António Carneiro</i> realizada na Granja, nas Salas Álvaro Miranda. Uma mostra - de onde se destacam os retratos de <i>Fialho d’Almeida, Narciso d’Azevedo, Guilherme, Cláudio Mourão, D. Benedicta Resende, Cláudio Carneiro, Maria, Dor, Extasis, Pensativa, Almas gémeas e Convalescente</i> - realizada através do incentivo de amigos, e sobretudo dos companheiros da revista <i>Gente Lusa</i>, - movimento editorial onde A.C. participa como ilustrador - encabeçados por Manuel Laranjeira. A própria revista acaba por dedicar uma crónica ao acontecimento, onde classifica a exposição como a “mais completa e homogénea demonstração do que vale em todas as suas modalidades o talento de António Carneiro”²³. Esta exposição ficou marcada por um episódio que demonstra o caráter e a ligação intrínseca de António Carneiro com a sua arte. Uma “cólera

²¹ Cf. FRANÇA, José – Augusto – *Arte Portuguesa do século XIX*. Lisboa: Instituto Português do Património cultural, 1988, p. 274.

²² “(...) Vou encomendar as molduras para os retratos destinados à Faculdade de Letras (...) – cf. Carta de 22 de julho de 1916, publicada com o n.º 12, nos apêndices de epistolografia da obra: PONTES, J. M. da Cruz – *O pintor António Carneiro no Património da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Minerva, 1997, (s/p).

²³ Cf. *Gente Lusa Arquivo de Letras e Artes*. II Série, n.º 2, Praia da Granja: 1916 – 1917, p. 69.

	divina” na sua defesa, que o fez afirmar perante um grupo de visitantes indesejados que se dirigia ao espaço para o denegrir: “A exposição está encerrada”²⁴. - Fixa através do desenho apurado um pormenor paisagista em Peso de Monção, intitulado <i>Fonte de Peso</i>.
1917	- Após abandono de Teixeira de Pascoaes da direção literária de <i>A Águia</i>, permanece como único diretor da revista, acompanhado no secretariado por Álvaro Pinto. - Inicia frequência assídua de solo amarantino, principalmente em setembro, na residência de Teixeira de Pascoaes. Relatam-se serões intimistas, passeios pelo Marão e contemplações do rio Tâmega. - Após referências anteriores, recebe nova abordagem para deslocação de residência do Porto para Lisboa, agora através de carta datada de 19 de maio, remetida por António Correia de Oliveira. A questão da mudança viria a cessar, visto que Carneiro permaneceu como residente no Porto até à sua morte. - Para melhor resposta à encomenda do retrato de Manuel de Arriaga, formalizada pela Universidade de Coimbra, António Carneiro descreve, numa carta de 24 de junho endereçada a Eugénio de Castro, a sua necessidade de se deslocar à capital, para obtenção de fotografias de qualidade do rosto de Manuel de Arriaga²⁵. Após todas as diligências verificou-se no mês de outubro, o término do retrato. Uma obra que foi bastante apreciada por Eugénio de Castro e Manuel da Silva Gaio. - Remetendo uma epístola endereçada a Eugénio de Castro, no dia 5 de junho de 1917, pede ao seu amigo coimbrão que entregue a composição pictórica do novo emblema/ex-libris da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a António de Vasconcelos. Respetivo mecenas da composição esfíngica²⁶. - Em correspondência trocada com Eugénio de Castro, revela vontade de se deslocar a solo coimbrão²⁷.
	- Em 30 de novembro foi formalmente nomeado, a título definitivo, como Professor de Desenho de Figura (estátua e modelo vivo), da Escola de Belas Artes do Porto, com intercessão de António Cândido junto de Alfredo de Magalhães, Ministro da Instrução, ocupando a vaga deixada por José de Brito. Apesar do apoio de amigos como Teixeira Lopes, a nomeação não foi pacífica, causando algum desconforto a opositores da estética professada por Carneiro. - Com estética próxima dos tão apreciados conceitos de esfumado e diluição carrieresca, A.C. concretiza um retrato de figura masculina calva e com bigode, copiado de registo precedente – fotografia ou pintura -, para a S.C.M.P. Óleo sobre tela, pertencente ao acervo patrimonial da S.C.M.P. - No seguimento de uma encomenda de retratística da Universidade de Coimbra, finaliza em março os retratos de Sá de Miranda – acompanhado pela inscrição “Do antigo”, visto que foi concebido por Carneiro através do contacto com um grafismo representativo de Sá de Miranda em cronologia precedente²⁸ - e de Damião de Gois. - Através da solicitação mecenática de Bissaya Barreto, Carneiro retrata Ângelo Fonseca para integrar o espólio de retratística da Universidade de Coimbra. - Com uma remessa de obras que ficaram por vender da exposição

²⁴ CASTRO, Laura – *Ob. cit.* (1996).

²⁵ Vd. PONTES, J.M. da Cruz – *Ob. cit.*, p.29.

²⁶ Escreve a Eugénio de Castro: “(...) pedindo-lhe o favor de fazer chegar às mãos do Dr. António de Vasconcelos o desenho do emblema que o vosso ilustre amigo me pediu (...)” – cf. Carta de 5 de junho de 1917, publicada com o n.º 15, nos apêndices de epistolografia da obra: PONTES, J. M. da Cruz – *Ob. cit.*, (s/p).

²⁷ Vd. *Idem-Ibidem*, p.26.

²⁸ Cf. *Ibidem*, p. 34.

1918	realizada pelo artista em 1914 em solo brasileiro na Galeria Jorge, no mesmo complexo do Rio de Janeiro constituiu-se uma nova mostra individual de pintura a óleo, aguarela e desenho, inaugurada em junho. - Promove como diretor artístico do grupo (mas também expositor) a <i>Exposição permanente de Arte da Renascença Portuguesa</i>, realizada nas instalações do movimento na cidade do Porto. - Executa autorretrato. - Júlio Dantas descreve literariamente o momento em que António o retratou. Aborda o homem - sua figura física - e a forma como o seu espírito se comporta na ascese artística: “(...) António Carneiro (...) com o seu chapéu velasqueano, o seu olhar tranquilo, a sua sobrecasaca preta (...) calva socrática, um pouco pontiaguda (...) barba vaga, confusa, nevoenta, que lembrava o <i>Verlaine</i> de Carrière e fazia pensar em certos evangelistas de Greco (...) Durante cinco, dez minutos (...) sem uma palavra observou o modelo (...) os olhos (...) surpreendiam, perscrutavam, interrogavam, traço a traço (...) quando o olhar se fixava no modelo, a sua fisionomia espiritualizava-se (...) pouco a pouco, achado o traço decisivo, encontrado o equivalente psicológico do modelo, a serenidade voltou (...) as próprias mãos brancas, finas, nervosas, única nota feminina no seu tipo viril de fauno pensador (...) moviam (...) o esfuminho, leve como um cigarro, pequeno como uma joia (...)”²⁹. - Manoel de Sousa Pinto dedica-lhe um dos seus romances, intitulado “<i>Romances da Arte. As mãos da Vida</i>”³⁰.
1919	- Envia para Coimbra, com destino à Faculdade de Letras da sua Universidade, um retrato anteriormente solicitado, figurativo de António José Gonçalves Guimarães. - Realiza autorretrato.

²⁹ Cf. DANTAS, Júlio – *Êles e Elas. Na Vida – Na Arte – Na História*. Porto: Livraria Chardron, 1918, pp. 121 a 123.

³⁰ Publicado com a inscrição “A António Carneiro” - Vd. PINTO, Manoel de Sousa – *Romances da Arte. As mãos da Vida*. Lisboa: Portugália Editora, 1918.

1920	- Álvaro Pinto assume a direção conjunta de <i>A Águia</i>, permanecendo António Carneiro como responsável artístico. - Registo de imprensa internacional acerca do artista no <i>Sunday Telegram</i>. - Refletindo a necessidade crescente de posse de um ateliê propício ao seu labor e aos projetos que almejava, solicitou um projeto arquitetónico a Raul Lino, após aquisição de um terreno na zona do Bonfim, na cidade do Porto. Face à dimensão financeira que a obra exigia, suspendeu as hipóteses de concretização imediata. - Sintetiza vistas de Guimarães. - Dados o seu conhecimento e atração pelos momentos do espectro lumínico, executa <i>Sinfonia Azul</i>, obra de mestria cromática na tipologia de tratamento do espaço luminoso, que envolve a figura central de Maria Josefina. - Após solicitação prévia de António Carneiro, reflexiva da sua necessidade de aumento dos honorários, relativos às encomendas de retratística regulares que executa para a Universidade de Coimbra, Eugénio de Castro comunica-lhe a resposta positiva da instituição. Deste modo, as suas palavras – e intercessão conjunta com António de Vasconcelos³¹ - confirmam ao artista a disponibilidade da reitoria coimbrã para o aumento monetário requerido. - Em maio, o artista concluiu um retrato de Carolina Michaelis de Vasconcelos, executado através da luminosidade da sanguínea sobre papel, com destino às instalações da Universidade de Coimbra. O resultado final agradou-o de tal forma, que antes de o remeter para Coimbra, António Carneiro registou-o em fotografia³². - A década que se inicia revela-se fértil em termos de apontamentos desenhistas, executados em múltiplos serões e estadias nas residências de amigos (já desde a década anterior) – São João de Gatão, no Solar de Pascoaes; Porto Manso, em Ancede, na companhia de Mário Beirão e Visconde de Vila Moura; Noêda, no Douro, residência de Júlio Brandão; Coimbra, com Eugénio de Castro, convivendo também com Manuel da Silva Gaio; Lisboa mas principalmente Belinho, no Minho, com António Correia de Oliveira. Com cronologia apontada à década de 20, conhecem-se inúmeros apontamentos a lápis, carvão e água-tinta de “centenas” de figurações individuais ou conjuntas, registos rápidos com fluidez de linha, que perpetuam momentos de leitura, contemplação familiar e paisagística. Grafismos de registo intimista.
------	--

³¹ A quem o artista agradece, por escrito, numa carta de 24 de janeiro de 1920, endereçada a Eugénio de Castro: “(...) Aproveito o ensejo para agradecer-lhe, e ao Dr. António de Vasconcellos, a intervenção amiga para conseguirem da Universidade um aumento na remuneração dos retratos de reitores (...)” – cf. Carta de 24 de janeiro de 1920, publicada com o n.º 24, nos apêndices de epistolografia da obra: PONTES, J. M. da Cruz – *Ob. cit.*, (s/p).

³² Cf. *Idem-Ibidem*, p. 41.

1921	- Presença de veraneio na praia da Figueira da Foz, que culmina com uma nova situação paisagista no percurso artístico. Executa “impressões”, em esquema similar ao que aplicava em Leça da Palmeira, mas prestando maior atenção à ação humana dentro do espaço balnear: <i>O guarda-sol da tarja verde, Manhã na Praia, A hora do Banho, Os guarda-sóis coloridos</i>, etc. - Desloca-se a Coimbra com vista à realização de estudos de retratística para as encomendas da Universidade. - Promete ao amigo Eugénio de Castro, a realização de um retrato cuja identidade psíquica, A.C. pretende sintetizar através do virtuosismo técnico do óleo sobre tela. Perante esta notícia, o escritor, eufórico com a prestabilidade do amigo, informa-o que deseja comemorar a dita obra de arte na sua companhia, com a abertura de um vinho centenário. No campo profissional, a relação de Carneiro com a Universidade de Coimbra, solidifica-se, visto que a reitoria aprovou neste ano, a atualização das verbas de pagamento pelos retratos encomendados – um fator importante para a melhoria financeira de António Carneiro e da sua família. - Concebe a obra de cariz expressionista intitulada <i>Peso</i>. Carneiro surge tributário de Munch - epítome da força formal e cromática do expressionismo europeu - e de Rodin no seu sentido “simbolico-expressivo”, encontrando nesta paisagem um ambiente propício à ênfase de força comunicativa, expressividade e surpresa estética no seu percurso. - Executa autorretrato de dimensão psicológica, com curiosas reminiscências pós-impressionistas próximas de Cézanne³³. - Acompanhado de quadra manuscrita, formaliza com técnica mista de lápis e aguada sobre papel, um desenho com o título “Cântaro”³⁴. Obra gráfica datada de 17 de dezembro. - Em artigo internacional publicado pelo Visconde de Vila Moura na revista catalã <i>Vell i Nou</i>, encontra-se a primeira referência de um registo gráfico e vontade de ilustração da <i>Divina Comédia</i> de Dante - um dos projetos que acentuou no pensamento do artista a necessidade de construção de um ateliê mais favorável ao seu trabalho. Em conjunto com o citado “projeto de página de ilustração de A Divina Comédia de Dante”, o artigo difundiu: <i>Graça adolescente; Um retrato; Irmãos; Crianças; e Os dois amigos</i>³⁵. - Em artigo publicado por Manoel de Sousa Pinto (1922), existe referência a uma hipotética presença em Lisboa no ano anterior, na intitulada <i>Exposição dos Consagrados</i>³⁶.
1922	- Ausenta-se temporariamente dos destinos diretivos da revista <i>A Águia</i>, permanecendo Leonardo Coimbra como único gestor. - Inicia série de registos de retratística de <i>Cláudio tocando violino</i>. - Envia para Coimbra os retratos terminados de Daniel Ferreira de Matos Júnior, Joaquim Mendes dos Remédios e Guilherme Alves Moreria. - Em solo coimbrão, retrata presencialmente os dois amigos que o ajudaram na obtenção de encomendas constantes da Universidade de Coimbra: António de Vasconcelos e Eugénio de Castro³⁷. - Onze anos após o sucesso da exposição individual realizada na Ilustração Portuguesa, volta a expor em Lisboa entre fevereiro e março, sob o título <i>Pinturas e Desenhos de António Carneiro</i>. Agora na Sociedade Nacional de Belas Artes, exibiu 44 óleos, com relevo para os 12 registos de veraneio da <i>Figueira da Foz</i>, 41 aquarelas, 14 das quais realizadas em

³³ ALMEIDA, Bernardo Pinto de – *António Carneiro*. Lisboa: Caminho / Edimprensa, 2005, p. 13.

³⁴ Desenho que integra a coleção de arte da B.P.M.P. – vd. B.P.M.P. cota: MA – António Carneiro – 2.

³⁵ VILA MOURA, Visconde de – *O pintor António Carneiro*. (Separata de *Portucale*, vol. IV). Porto: 1931. p. 36.

³⁶ *Ilustração Portuguesa*. n.º 837. Lisboa: 4 de março de 1922, p. 196.

³⁷ PONTES, J.M. – *Ob. cit.*, p.50.

	solo brasileiro e 44 desenhos em diversos suportes, maioritariamente elementos de retratística. O catálogo foi novamente prefaciado por Manoel de Sousa Pinto, que recordou a experiência de 1911. No público que compareceu registou-se uma grande afluência de estudantes, devido ao estatuto de docente de que beneficia desde 1918. A exposição foi noticiada na revista <i>Ilustração Portuguesa</i>, através de um artigo de Manoel de Sousa Pinto, intitulado <i>Exposições. António Carneiro</i>³⁸, onde destaca algumas das composições: <i>Companheiro</i>, que classifica como uma tela de espírito “neovandiquiano”; <i>Ecce Homo</i>; núcleo de aquarelas de estadia brasileira; registos da <i>Figueira da Foz</i>, <i>Porto</i> e <i>Guimarães</i>. - Promove Exposição em Coimbra, com colaboração do amigo e poeta Eugénio de Castro. - Regista vistas de jardins da casa de António Correia de Oliveira, em <i>Belinho</i>.
1923	- Retoma funções diretivas na revista <i>A Águia</i>. - Concebe “panorâmica azulada” da cidade do Porto. - Sublima autorretrato. - A 19 de maio, Cruz Cerqueira publica no n.º 10 da <i>Revista Portuguesa</i> uma entrevista a António Carneiro. Apesar da timidez e do desconforto que sente em atos públicos, o artista revelou as suas ânsias, gostos, influências e sensibilidade perante o meio artístico.
1924	- Após lamentos constantes à ausência de meios para construir um ateliê, através de intercessão de Oliveira Cabral (a quem confessara estas dificuldades), recebeu a notícia de que um mecenas, que privilegiava o anonimato – Domingos Rufino, capitalista de “fortuna brasileira” e amante de arte - disponibilizava os fundos para financiar toda a construção desse complexo laboral. Carneiro aceitou mas prometeu pagar a dívida logo que possível. Embargado o projeto anterior (de 1920), da autoria de Raul Lino, pela Câmara Municipal do Porto, após diligências – desenvolvidas desde 1922 - foi sob o traçado de Sá e Melo, com apoio de Álvaro Miranda, que a obra avançou, excedendo o orçamento previsto. - Amarante presta-lhe uma homenagem pública, em conjunto com Teixeira de Pascoaes. Devido ao estado de saúde debilitado de Maria Josefina não compareceu, enviando em sua representação o filho Carlos e alguns familiares. Nesta homenagem, Leonardo Coimbra destacou as qualidades doutrinárias e laborais dos dois vultos, enaltecendo a predileção pela sombra que as obras de ambos clamam.

³⁸ *Ibidem*.

1925	- Inaugura definitivamente em fevereiro o seu espaço próprio de ateliê na rua Barros Lima, o que lhe permitirá maior conforto no trabalho e ambição nos seus projetos. Assinalando a sua abertura, realizou uma exposição individual de pinturas e desenhos. Considerado pelo próprio como o seu “museu” pessoal, constituiu um local de refúgio criativo, meditação psicológica e tertúlia. Frequentado com regularidade pelos seus amigos para leituras e convívio intelectual, tornou-se-se um dos símbolos do movimento da Renascença Portuguesa. - Assistiu a uma exposição honorífica do seu labor, promovida no Palácio da Bolsa, na cidade do Porto - Com o abalo psíquico e espiritual provocado pela débil situação de saúde de Maria, próxima da etapa terminal³⁹, inicia um ciclo introspetivo, de recolhimento religioso. Transpõe assim a dor sentimental para imagens de interiores solitários, de espaços sacros desertos: <i>Igreja de São Francisco no Porto</i>; <i>São Bento da Vitória no Porto</i>; <i>Sé do Porto</i>; <i>Santa Cruz de Coimbra</i>, etc. - Recebe convite de Estefânia Cabreira e Oliveira Cabral para o álbum patriótico <i>Virtudes e Heroísmos Lusíadas</i>, compilação de música, poesia e arte direcionada às crianças e jovens portugueses. Ilustra os capítulos <i>Hino da Raça</i> - através de uma composição onde agrupa vultos da História nacional, de Afonso Henriques a Gago Coutinho e Sacadura Cabral; e <i>Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de São Domingos</i>, temática que aprecia e prolonga na sua vida até 1929, com a realização de duas versões em tela. Reflexivo dos pressupostos profissionais dos escritores, concebe um grafismo de ex-libris para ambos - esteticamente em formato de coração, com a inscrição “Pueris amor noster” ao centro e ainda uma moldura de rostos infantis, concebidos através de simplicidade linear.
1926	- Maria Josefina sucumbe precocemente no dia 12 de janeiro⁴⁰, vítima de tuberculose. Uma perda com implicações diretas no estado anímico e opções estéticas do pai, que prolonga a série de interiores religiosos que iniciara em 1925 e dedica reflexões poéticas à envolvimento da morte da filha e do ambiente de luto familiar. - Inspirado pelo projeto de ilustração de temática camoniana de 1925, solicitado para <i>Virtudes e Heroísmos Lusíadas</i>, executa a primeira versão em tela de <i>Camões lendo “Os Lusíadas” aos Frades de São Domingos</i>. Epílogo do simbolismo do artista, concebe uma síntese vivencial através do recurso a membros do seu círculo familiar e intimista para modelos das personagens de Camões e dos Dominicanos. Nesta versão, Camões, cujo modelo foi o próprio filho Cláudio Carneiro, recita o poema épico sentado (claustro séc. XIII – coimbrão), perante um núcleo de dez dominicanos interpretados por: Armando Cruz; Joaquim Freitas Gonçalves; Carlos Ramos; Carlos Carneiro (?); Visconde de Vila Moura; António Queiroz; Joaquim Teixeira Bastos; Guilherme Faria; Luís Costa; e, de novo, Cláudio Carneiro. - Expede no mês de março o retrato póstumo do pai de Eugénio de Castro, solicitado pela Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra. - Em 17 de abril publica-se no jornal argentino <i>La Nación</i>, um artigo acerca do pensamento plástico de António Carneiro, da autoria do amigo Eugénio de Castro⁴¹. - Em Belinho, António Carneiro concebe um desenho, posteriormente aplicado como capa, num manuscrito da autoria de António Correia de

³⁹ Carta de António Carneiro, de 4 de dezembro de 1925, pertencente ao Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto – cf. Aa. Vv. – *António Carneiro revisitado (...)*. Ob. cit., p. 121.

⁴⁰ Vd. inscrição de fotografia de Maria, que pertenceu a Francisco Costa Queiroz, cunhado do artista (na posse de Maria Luísa Ferreira Cardoso de Lima Ribeiro) e soneto celebrativo da efeméride que assinala o primeiro mês após a morte da jovem, intitulado *12 de fevereiro* – cf. CARNEIRO, António – *Soliloquios. Sonetos póstumos*. Porto: Tip. Costa Carregal, 1980, p. 61.

⁴¹ Cf. PONTES, J.M. da Cruz – Ob. cit., p. 52.

	Oliveira. Manuscrito em depósito na B.P.M.P.
1927	- Regista pormenores do pátio da casa de <i>Teixeira de Pascoaes</i>. - Termina o ciclo de recolhimento pictórico de representação de interiores sacros. - Em estadia conjunta com o Visconde de Vila Moura em Porto Manso, executa <i>O Rio Douro em Ancede - Porto Manso</i>. Obra paisagista de um vigor expressionista próximo de Munch, que tentara já em paisagens anteriores de <i>Peso de Monção</i>. - Esboça, a lápis sobre papel, um retrato de Guilherme Faria⁴².
1928	- Em carta de 26 de dezembro, endereçada à discípula Eugénia Mourão, agradece-lhe a oferta de um volume sobre Miguel Ângelo, confessando a sua afeição pelo tema, o que comprova de novo o seu interesse pelos mestres da Renascença Italiana. - Confessa em postal datado de 7 de agosto, em contexto de férias na Casa da Lage, no Douro, de D. Miguel de Sottomayor, cunhado de Vila Moura, a necessidade regular de fugir do contexto da “asfixia citadina” do Porto, privilegiando a “sombra das árvores”⁴³. - Louis Gillet (crítico francês e Conservador do <i>Museu Jacquemart André</i>), em viagem ao Porto, direcionada para um ciclo de conferências do Instituto Francês em Portugal, logrou na sua primeira intervenção, em março, a presença na plateia de figuras ilustres, entre as quais António Carneiro. Em visita ao ateliê, extasiado perante desenhos diversos e as aguarelas de “espírito livre e vanguardista”, concebidas entre 1914-15 na primeira viagem do autor ao Brasil, Gillet clamou a necessidade do público parisiense apreciar a qualidade destas obras. Convidou Carneiro a expor em solo francês, algo que entusiasmou o artista, apontando-se a <i>Galerie Jean Charpentier</i> como o espaço propício para a exibição desta seleta pictórica e o ano de 1931 como o de abertura da mostra. Apesar de todo o empenho e afincos nos preparativos, a morte, em 1930, impediu este projeto. - Com possível comprovativo assente na correspondência trocada neste ano com a família Mourão, principalmente com Eugénia Mourão – filha de Ramiro Mourão - e com cartas posteriores, de 1929, o artista, impedido de regressar do Brasil a Portugal, informa Eugénia, na condição de sua aluna particular, que não poderia lecionar no período de estadia externa. Supõe-se então, como era normal, a existência de discípulos privados no percurso docente deste vulto. Eugénia Mourão é apontada como uma das suas discípulas conhecidas no término da década de 1920. - Assume responsabilidade de regência de um curso artístico no Salão Silva Porto. - Apreciador fervoroso de Dante Alighieri, de “problematizações metafísicas e aventuras humanas”, desde o início dos anos 20 que tinha a aspiração de ilustrar, à imagem de grandes mestres seculares da pintura universal, a <i>Divina Comédia</i> - uma obra literária que citava frequentemente em leituras íntimas aos seus amigos. Com a construção da sua “cela artística”, direcionou a fase final da década de 20 para esboçar livremente, através da fluidez da mancha da água-tinta / aguarela e do “fumo” do carvão, um programa pictórico para traduzir formalmente a profundidade da obra. Ilustrador ativo desde a viragem do século XIX-XX, para esta realização confessou aos íntimos que programava uma década de trabalho constante, pautada inclusive por regressos a solo italiano. Deixou um núcleo de desenhos de estudo, 42 no total, iniciados neste ano e interrompidos com a morte em 1930 - com vigor e carga psíquica profundos, consagrados à primeira parte do poema <i>O Inferno</i>. - Registam-se as últimas ilustrações de sua autoria, publicadas em

⁴² Desenho que integra a coleção de arte da B.P.M.P. – vd. B.P.M.P. cota: MA – António Carneiro – 9.

⁴³ FERREIRA, Jaime – *António Carneiro. Pintor de Matosinhos e Leça*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, 1972, p. 71.

	extratexto na IV Série da revista <i>A Águia</i>: janeiro - estudo da figura de <i>Camões de pé</i> - Esboço preparatório para a 2.^a versão de <i>Camões lendo "Os Lusíadas" aos frades de São Domingos</i>; junho - <i>Convalescente</i>, Maria registada em recolhimento provocado por doença. - Executa "Figura de Criança", desenho a lápis sobre papel, datado de 4 de dezembro⁴⁴.
1929	- Concluiu uma segunda versão, de grande formato e maior proliferação de figurantes, de <i>Camões lendo "Os Lusíadas" aos Frades de São Domingos</i>. Nesta versão, Camões – cujo modelo foi o pintor Ventura Júnior - de pé, em sentido superior, recita a epopeia nacional a um conjunto de 22 Dominicanos. Participa fornecendo os modelos uma "micro-sociedade portuense" – a par dos dois filhos - que frequenta o seu atelier desde 1925, composta por intelectuais, convivas e mesmo mecenas: António Queiroz; Guilherme Faria; Joaquim Freitas Gonçalves; Ramiro Mourão; Nuno Archer; António Moura Seixas; Joaquim Teixeira Bastos; Couceiro da Costa; Carlos Dubbini; Couto Soares; Vasco Nogueira de Oliveira; Alberto Cerqueira; Carlos Carneiro; António de Azevedo; Visconde de Vila Moura; Domingos Rufino; Gonçalo Sampaio; Miguel Braga; Carlos Ramos; Oliveira Cabral; Loureiro (?) e Armando Cruz. - Com um percurso no professorado que se pautou pela competência, o Conselho Escolar da A.P.B.A., e o próprio Ministério da tutela, reconhecem o seu valor e apontam-no para Diretor da Escola de Belas Artes Portuense. De feitio avesso à exposição pública (e muito menos ao exibicionismo), acabou por temer este cargo, recusando-o perentoriamente, aludindo até a uma incapacidade sua para tais desempenhos. - Fiel ao gosto e superioridade dos seus motivos infantis, entre 14 e 15 de março executou três apontamentos gráficos intitulados "Figuras de crianças"⁴⁵. No dia 14, esboçadas com técnica mista de lápis e aguarela sobre papel, e no dia 15 através das potencialidades do lápis sobre papel. - No mês de abril, visitou Coimbra com o propósito de desenhar presencialmente o rosto de António José Teixeira de Abreu, para a coleção da Universidade de Coimbra. - Partiu do Porto de Leixões em pleno verão (30 de junho) para solo brasileiro, a bordo do paquete General Osório, com vista à realização de exposições e venda de obras - principalmente a segunda versão de <i>Camões lendo "Os Lusíadas" aos Frades de São Domingos</i> - que lhe permitissem maior estabilidade financeira. É relatado por alguns cronistas (p. ex., Joaquim Paço d'Arcos) como um homem à época envelhecido e cansado da incompreensão de um meio ignorante e indiferente ao sentido da sua arte. - Em entrevista, publicada no dia 3 de agosto em <i>O Cruzeiro</i>, confessa uma definição de princípios espirituais na génese da seu entendimento artístico: "...também na natureza, mesmo nas cousas inertes, há uma intensidade de que as linhas exteriores são uma simples expressão (...) A grande mestra é a Natureza. Contudo, a arte só começa onde termina a imitação. Porque não existe arte sem profunda elaboração espiritual..."⁴⁶. - Inaugura, com presença oficial do Embaixador de Portugal, uma primeira exposição no dia 19 de agosto, na Galeria Jorge do Rio de Janeiro: <i>Pinturas, Aguarelas e Desenhos de António Carneiro</i>. No seu acervo inclui 4 retratos – autorretrato; retrato de Rosa; de Cláudio e de Guerra Junqueiro (adquirido pela Academia Brasileira de Letras) – 6 desenhos; 8 óleos paisagistas, 37 aguarelas – 27 acerca de motivos observados no Rio de Janeiro entre 1914 e 1915 – 25 interiores de igrejas, principalmente

⁴⁴ Desenho que integra a coleção de arte da B.P.M.P. – vd. B.P.M.P. cota: MA – António Carneiro – 4.

⁴⁵ Desenhos que integram a coleção de arte da B.P.M.P. – vd. B.P.M.P. cotas: MA – António Carneiro – 3; MA – António Carneiro – 5 e MA – António Carneiro – 6.

⁴⁶ CASTRO, Laura – *Ob. cit.* (1996), p. 40.

	nortenhas, com interesse identitário também para a colónia portuguesa residente. O grande destaque da exposição foi a segunda versão de <i>Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de S. Domingos</i>, que o artista necessitava vender e que o Brasil apreciou, mas cujo preço dificultou a sua transação. Em setembro confessa o insucesso comercial da exposição em carta endereçada no dia 11 a Maria Osswald, referindo tristemente um número reduzido de vendas efetivas⁴⁷. - Saída da exposição, a 2.^a versão de “Camões” chegou a figurar numa parede do Gabinete Português de Leitura, destino apontado para a sua permanência na capital federal, mas cujo negócio foi suspenso pelos valores que envolvia. - Em carta de 27 de outubro, endereçada a Eugénia Mourão, aborda o adiamento do seu regresso a Portugal. Refere requerimento de prorrogação de estadia por mais três meses e lamenta a nomeação governamental para o lugar de diretor da A.P.B.A. - Regista-se a oferta de um retrato por parte do artista a Octávio Sérgio (pintor, decorador e caricaturista, mas também jornalista) hospedado no mesmo hotel brasileiro – <i>Hotel Suisso</i>, rua da Glória, no Rio de Janeiro – como agradecimento pela publicação de um artigo de jornal. - Após insucesso no Rio de Janeiro, apesar da agravada crise brasileira, desloca-se para São Paulo incitado por amigos, onde desenvolve uma exposição de quinze dias. Iniciada a 4 de novembro no Prédio Glória, destaca-se novamente a 2.^a versão de <i>Camões</i>, numa última tentativa de venda. No final, vendeu-a por “240 contos” a Francisca Sampaio Monteiro da Silva, capitalista de origem portuguesa - que posteriormente doou o quadro à Pinacoteca do Estado de São Paulo. Classifica a transação como um milagre, o segundo da sua vida, considerando o ter edificado o seu ateliê em 1925 o primeiro. - Celebra no dia 23 de dezembro o 36.º aniversário de matrimónio com Rosa Carneiro, efeméride à qual dedica um soneto. - Em entrevistas a jornais e revistas brasileiras respondeu a solicitações acerca de algumas temáticas, como “correntes modernistas”, valorizando-as e considerando-as importantes para a arte no seu sentido vanguardista de renovação; elogiou Columbano; abordou a situação cubista como uma “ciência de planos”, “conquistadora do avanço sereno e belo da arte”. Considerações que reforçam o seu pensamento próprio, a sua cultura artística e o sentido “antinaturalista” da maturidade da sua poética pictórica. - A expedição brasileira mereceu bastantes relatos e solicitações de entrevistas na imprensa local, citando-se: <i>Correio da Manhã</i> – Brasil – 21 de julho (<i>Um grande artista</i>, de Max Fleuiss); <i>Beira Mar</i> – Rio de Janeiro – n.º 184, 15 de setembro (<i>A arte portuguesa de António Carneiro</i>, de Júlio Brandão); <i>Pátria Portuguesa</i> – Rio de Janeiro – 20 de julho (<i>António Carneiro</i>, de Octávio Sérgio); (<i>António Carneiro</i>, de Júlio Brandão); 24 de agosto (<i>António Carneiro</i>, de Octávio Sérgio); <i>Diário Carioca</i> – Brasil – 7 de setembro (<i>António Carneiro</i>, de Gastão Penalva); <i>Jornal do Comércio</i> – Rio de Janeiro – 25 de agosto (<i>Dominicais</i>, de João Luso); <i>Jornal do Brasil</i> – 9 de agosto (<i>António Carneiro</i>, de Gastão Penalva); <i>Colónia Portuguesa</i> – São Paulo – 4 de agosto e 15 de novembro (<i>O mestre António Carneiro</i>, de Sarmiento Pimentel); <i>O Jornal</i> – Rio de Janeiro – (<i>Um mestre da pintura portuguesa contemporânea</i>, entrevista a António Carneiro); <i>Revista Lusitânia</i> – Rio de Janeiro – 1 de agosto (<i>Uma glória de Portugal no Brasil</i>, com ilustrações).
1930	- Após complicações, adiamentos e a consumação definitiva da venda da 2.^a versão de <i>Camões</i>, embarcou a 8 de janeiro no General Mitre. - Atraca em Portugal nos últimos dias de janeiro. Chega fustigado pelo tormento psíquico da nomeação diretiva, o receio de despedimento e uma doença contraída (hepatite).

⁴⁷ FRANÇA, José-Augusto – *Ob. cit.* (1973), pp. 102-104.

	- Enfermo, abandonou a docência, mas mesmo prostrado no seu leito nunca perdeu a vontade e esperança de voltar a exercer a sua arte. Permanentemente acompanhado pela família e pelo seu círculo de amigos devotos, apenas lamentava a ausência do trabalho, da ascese criativa que o alimentava. Embora assistido permanentemente por médicos próximos, acabou por não debelar a hepatite e numa segunda-feira, 31 de março, pelas 22 horas, faleceu próximo dos 58 anos na sua residência – n.º 245 da Rua Joaquim António Aguiar, no Porto. - O seu corpo foi trasladado para o seu ateliê na Rua Barros Lima, atual Casa Oficina António Carneiro. Aí, com o <i>Ecce Homo</i> à cabeceira, foi velado pelos amigos, pela família e pela arte que ao longo da vida criou, obras fruto do seu temperamento e que “deambulavam pelas paredes envolventes”. Na Igreja do Carmo desenrolaram-se os ofícios religiosos, tendo a urna, suportada pelos seus alunos da Academia Portuense, seguido para o Cemitério de Agramonte. Em sua homenagem discursaram o Tenente António Pinheiro, dignitário da Câmara Municipal do Porto e o arquiteto José Marques da Silva, representante da Escola de Belas Artes (A.P.B.A.). Nos anos subsequentes, sucederam-se crónicas e artigos de sentido laudatório ao perfil e ao labor de António Carneiro e ao seu lugar no panorama da História da Arte Portuguesa de viragem do século (XIX-XX). - Segundo relato do Visconde de Vila Moura, a caminho do cemitério, no funeral de Carneiro, Mário Beirão – a quem o artista solicitava a leitura dos seus inéditos – proferiu um comentário acerca da personalidade do pintor: “(...) Naquela alma havia sempre bom tempo!...”⁴⁸. - Os últimos registos plásticos - retrato da neta e retrato conjunto de Cláudio e Katherine - que deixou inacabados, prefiguram os motivos perpétuos da sua alma: a intimidade familiar, o brilho infantil e a graciosidade feminina.
--	--

⁴⁸ VILA MOURA, Visconde de – *Ob. cit.*, p. 35.

2. Fontes e documentos

4 - XII - 1925
Querido Amigo
Venho de Campanha, onde fui de-
beir o Amigo Seixas, que parte para ali.
Leva-me elle um grande abraço meu e os
cumprimentos de todos d'esta casa para a
Sr.ª. D.ª. Antónia, com os votos pela sua con-
velto e prompto restabelecimento.
Por esta casa, paira a mesma nuvem
dema e tristissima. A Doctinha soffre mais
de dia para a noite, e o seu soffrimento refle-
te-se em todos nós, angustiadamente.
Já viu o Claudio? De-me info-
rção d'elle, apenas o veja. Interessa-me sa-
ber a impressão que lhe deu o seu aspecto
physico. Oxalá o tenha encontrado bem.
Que me diz do meu Rodri?
De certo sentiu-se empyado, sendo, como
é, sensivel á authentica Belleza. Quem
me deu estar consigo n'este magnifico
momento. —

Fig. 1 Carta de António Carneiro de 4 / 12 / 1925 - Frente. Coleção A.H.S.C.M.P. – Porto.

É a Sr.ª D. Antonia tem gostado da
Grande Cidade? Sem duvida que deve andar
encantada. Pena foi que a minha irmã
importunou-a; tirando-me alguns dias de gozo
e privando-a de v.ª.
Repetidos cumprimentos de todos
d'esta casa para ambos.
Com o grande abraço para si
do seu
muito devotado
Antonio Carneiro
Affectuosas lembranças ao Dr. Teixeira Lopes

Fig. 2 Carta de António Carneiro de 4 / 12 / 1925 - Verso. Coleção A.H.S.C.M.P. – Porto.



Fig. 3 Fotografia de Maria Josefine e pormenor da sua inscrição manuscrita, que aponta a data da sua morte para o ano de 1926; pertencente a Francisco Costa Queiroz, cunhado de António Carneiro⁴⁹.

⁴⁹ Cortesia de Maria Luísa Ferreira Cardoso de Lima Ribeiro.

3. Apêndice iconográfico

3.1 O homem e a obra

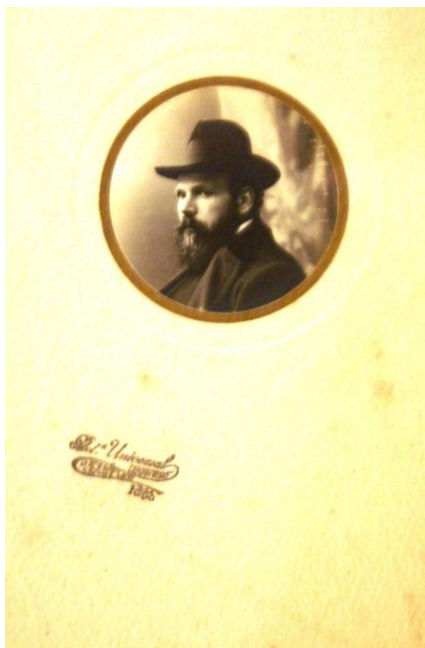


Fig. 4 António Teixeira Carneiro Júnior em postal pessoal. Coleção M.M.A.S.C. – Amarante.

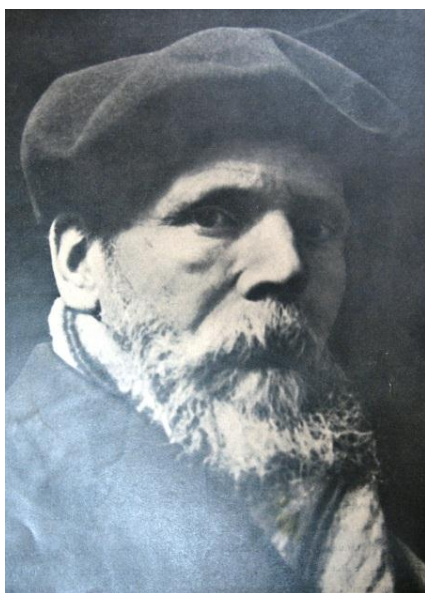


Fig.5 António Teixeira Carneiro Júnior em 1928⁵⁰.

⁵⁰ Ext. *Ilustração*. 3.º Ano, n.º 64, Lisboa: 16 de agosto de 1928, p. 35.

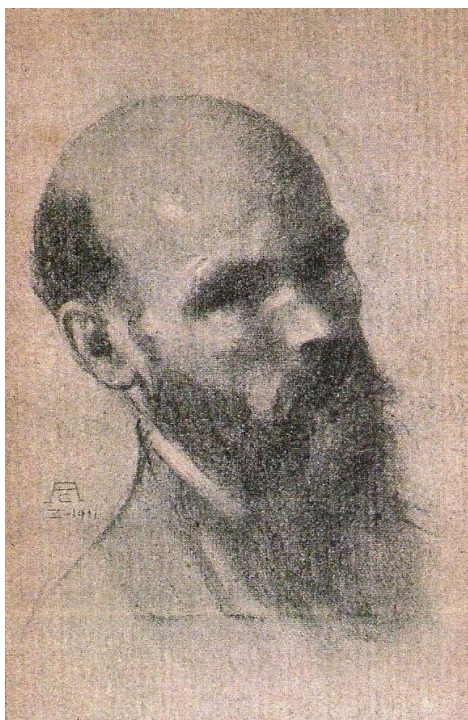


Fig. 6 Autorretrato de António Teixeira Carneiro Júnior em 1910⁵¹.

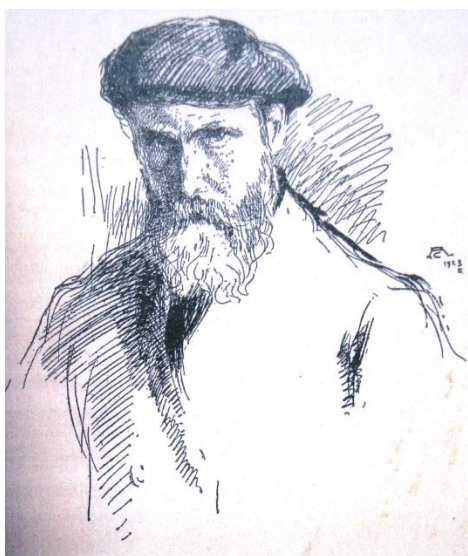


Fig. 7 Autorretrato de António Teixeira Carneiro Júnior em 1923⁵².

⁵¹ Ext. PINTO, Manoel de Sousa – *Catálogo da Exposição de Quadros e desenhos de António Carneiro. Salão da Ilustração Portuguesa: dezembro*. Lisboa: (s/n.), 1911.

⁵² Ext. *Revista do Norte*. vol. I, n.º 6, Porto: junho de 1955.



Fig. 8 Amarante em 1891. Registo fotográfico da autoria do pai de António Carneiro. Coleção M.M.A.S.C. – Amarante.

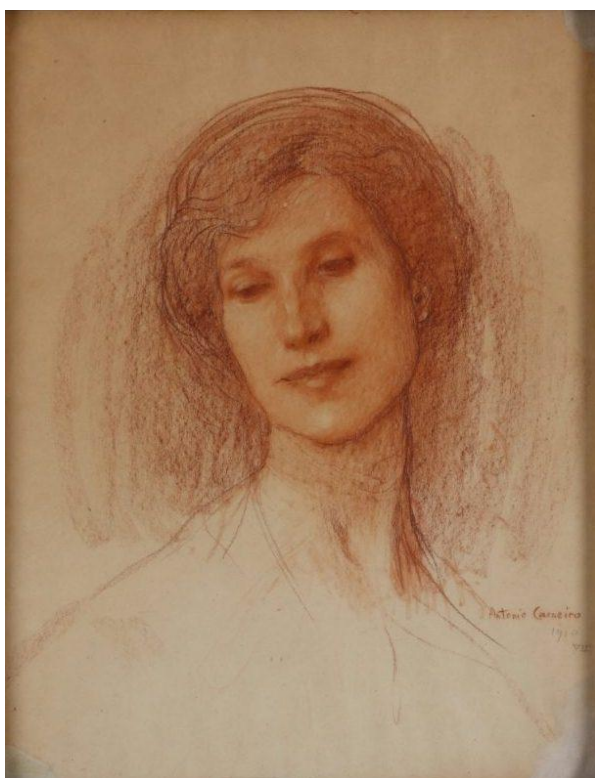


Fig.9 Rosa Atília Queiroz Carneiro, esposa do artista em 1910⁵³.

⁵³ Ext.[http://www.renascimento-sa.pt/catalogos-pdf/arquivo/042/CATALOGO_LEILAO-042_\[17-MAR2011\].pdf](http://www.renascimento-sa.pt/catalogos-pdf/arquivo/042/CATALOGO_LEILAO-042_[17-MAR2011].pdf).



Fig.10 Maria Josefina, Carlos e Cláudio. Fotografia com dedicatória manuscrita, de Rosa e António Carneiro, para Júlio Brandão. Coleção M.M.A.S.C. – Amarante.



Fig.11 Alguns exemplares da biblioteca pessoal de António Carneiro. Coleção M.M.A.S.C. – Amarante.



Fig. 12 *Túnica Verde - Maria*. Retrato de Maria Josefina de ca. 1905 ⁵⁴.



Fig.13 *Sanguínea Túnica Verde - Maria*. Retrato de Maria Josefina de ca. 1908⁵⁵.

⁵⁴ Cortesia Galeria Baganha.

⁵⁵ Ext. *A Águia*. II Série, n.º 42, Porto: junho de 1915.



Fig. 14 Estudo para retrato de *Francisco Luís da Costa e Silva Queiroz*, em 1907 – Cunhado de António Carneiro⁵⁶.

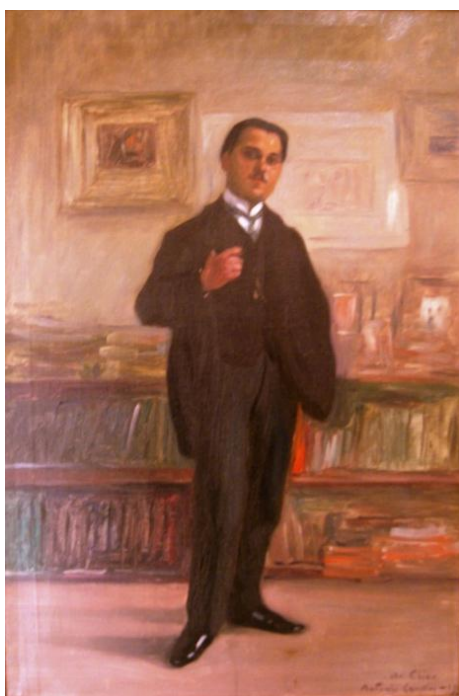


Fig.15 Retrato de *Francisco Luís da Costa e Silva Queiroz* em 1910, com dedicatória manuscrita: “Ao Chico”⁵⁷.

⁵⁶ Ext. FRANÇA, José - Augusto – *Ob. Cit.*(1973).

⁵⁷ Cortesia de Maria Luísa Ferreira Cardoso de Lima Ribeiro.



Fig.16 *Cabeça de garoto de Pascoaes* – Retrato de Álvaro de Queiroz, cidadão amarantino; aos treze anos de idade - 1893⁵⁸.



Fig. 17 Tríptico de estudos anatómicos com figuras para *A Fonte do Bem*, de ca. 1899. Coleção M.M.A.S.C. – Amarante.

⁵⁸ Ext. http://anabelapmatias.blogspot.pt/2012_02_01_archive.html.

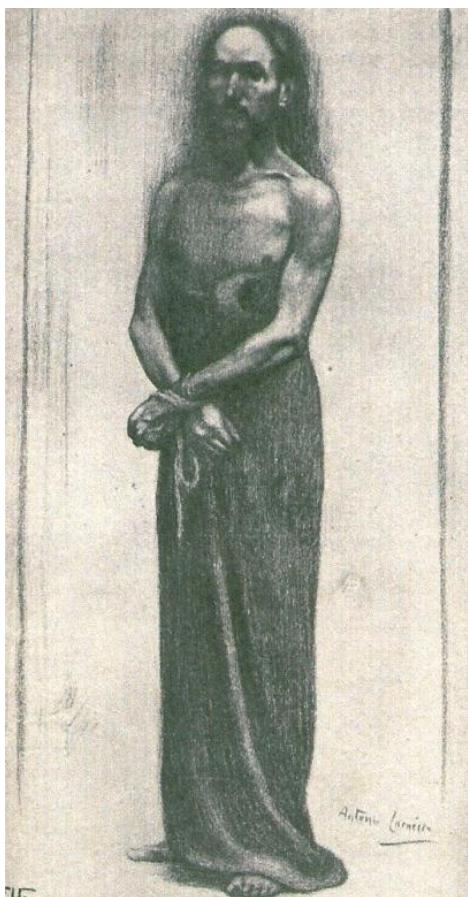


Fig. 18 Desenho de estudo para o quadro *Ecce Homo*, de ca. 1901⁵⁹.



Fig. 19 *Vista da Ponte de Amarante* com dedicatória manuscrita a António Cândido, de 1901. Coleção M.M.A.S.C. – Amarante.

⁵⁹ Ext. *Serões*. n.º 17, Lisboa: novembro de 1906.



Fig. 20 *Marinha* de 1910, com dedicatória manuscrita a *Francisco Luís da Costa e Silva Queiroz*: “Ao meu caro Chico”⁶⁰.



Fig. 21 *Cabeça de Burro*, apontamento em água – tinta de 1923⁶¹.

⁶⁰ Cortesia de Maria Luísa Ferreira Cardoso de Lima Ribeiro.

⁶¹ Cortesia de Maria Luísa Ferreira Cardoso de Lima Ribeiro.

4. O ilustrador – Ideário pictórico regular

4.1 Retratação complementar – Ilustração indireta



Fig. 22 Retrato de João de Barros de 1909⁶².

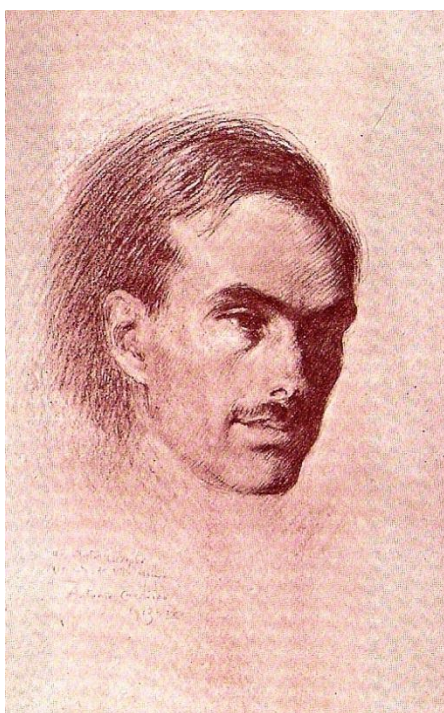


Fig. 23 Retrato de Visconde de Vila Moura em 1913⁶³.

⁶² Ext. BARROS, João de - *Terra Florida*. 1.^a Edição. Porto: Livraria Chardron, 1909.

⁶³ Ext. VILA MOURA, Visconde de - *Doentes da Belleza I*. 1.^a Edição. Porto: Renascença Portuguesa, 1913.



Fig. 24 Retrato de *Mathias Lima* de 1914⁶⁴.



Fig. 25 Retrato de *Alberto de Oliveira*, por fotografia de 1892. Publicado em 1919, na 1.^a edição do Tomo I de *Prosa e Verso*. Páginas escolhidas⁶⁵.

⁶⁴ Ext. LIMA, Mathias - *Sol do Coração*. 1.^a Edição. Porto: Companhia Portuguesa, 1914.

⁶⁵ Ext. OLIVEIRA, Alberto de - *Prosa e Verso. Páginas escolhidas*. Tomo I. 1.^a Edição. Porto, Lisboa, Paris, Rio de Janeiro: Aillaud e Bertrand, Livraria Chardron e Francisco Alves, 1919.

4.2 Retratação de personagens narradas – Ilustração direta (correspondência imagética com pressupostos textuais narrados)



Fig. 26 Capa com retrato de *Fanny Owen* de 1917⁶⁶.



Fig. 27 José Augusto Pinto de Magalhães de 1917; aplicado em extratexto nas 2.^a e 3.^a edições, em 1925, de *Fanny Owen e Camilo*⁶⁷.

⁶⁶ Ext. VILA MOURA, Visconde de - *Fanny Owen e Camilo*. 2.^a/3.^a Edição. Porto: Renascença Portuguesa, 1925.

⁶⁷ Ext. Idem - *Ibidem*.



Fig. 28 Retrato de *Eça de Queiroz*, executado em 1918, por fotografia de 1875. Publicado em extratexto, na 1.^a edição de *Eça de Queiroz: Páginas de Memórias*⁶⁸.

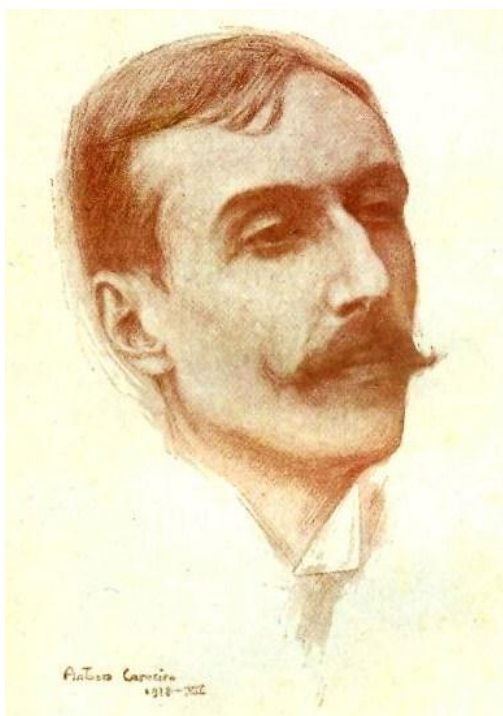


Fig. 29 Retrato de *Eça de Queiroz* executado em 1918, por fotografia de 1880. Publicado em extratexto, na 1.^a edição de *Eça de Queiroz: Páginas de Memórias*⁶⁹.

⁶⁸ Ext. OLIVEIRA, Alberto de - *Eça de Queiroz. Páginas de Memórias*. 1.^a Edição. Lisboa: Portugal – Brasil, 1918.

⁶⁹ Ext. Idem - *Ibidem*.

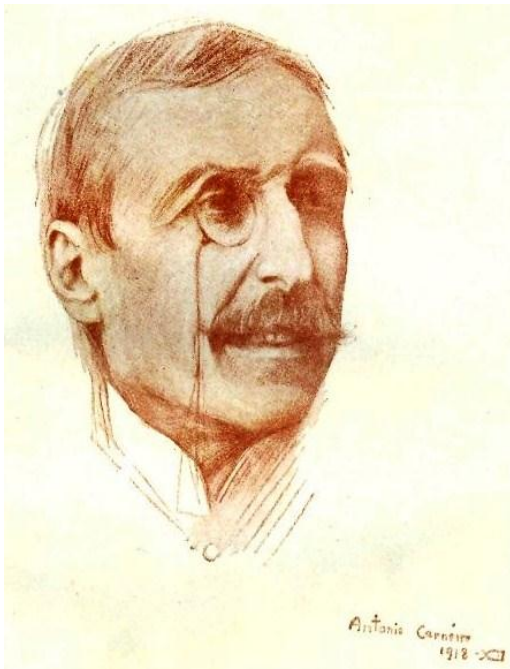


Fig. 30 Retrato de *Eça de Queiroz* executado em 1918, por fotografia de 1899. Publicado em extratexto, na 1.^a edição de *Eça de Queiroz: Páginas de Memórias*⁷⁰.



Fig. 31 O professor *Oliveira Feijão*, publicado em extratexto, na 1.^a edição do seu memorial de 1922⁷¹.

⁷⁰ Ext. OLIVEIRA, Alberto de – *Ob. Cit.* (1918).

⁷¹ Ext. PROENÇA, Francisco Tavares de - *F.A. de Oliveira Feijão. O professor. O cirurgião. O homem do Mundo. O lavrador.* 1.^a Edição. Porto: Tip. Costa Carregal, 1922.



Fig. 32 *Príncipe herdeiro D. Carlos*, retrato póstumo de 1920; publicado em extratexto, na 1.^a edição do memorial a Oliveira Feijão, de 1922⁷².



Fig. 33 *O lavrador Oliveira Feijão*, de 1920, publicado em extratexto, na 1.^a edição do seu memorial de 1922⁷³.

⁷² Ext. PROENÇA, Francisco Tavares de – *Ob. Cit.* (1922).

⁷³ Ext. Idem - *Ibidem*.



Fig. 34 Retrato de *Visconde de Vila Moura*, de 1923, repetido na capa dos dez números da sua novelística mensal⁷⁴.



Fig. 35 Perfil de Mário Beirão, 1924. Retrato aplicado na capa da 1.^a edição de *O poeta da ausência*⁷⁵.

⁷⁴ Ext. VILA MOURA, Visconde de - *Cristo de Alcácer*. 1.^a Edição. Porto: Renascença Portuguesa, 1924.

⁷⁵ Ext. VILA, MOURA, Visconde de - *O poeta da ausência*. 1.^a Edição. Porto: Renascença Portuguesa, 1926.

4.3 Iconografias de reminiscência das origens. Quotidiano proletário e rural - Ilustração direta (correspondência imagética com pressupostos textuais narrados)

4.3.1 Signos e composições de índole proletária



Fig. 36 *Velho Operário*, de 1909; inserido em extratexto, na 1.^a edição dos versos de João de Deus, de 1911⁷⁶.



Fig. 37 *Oração da pobre*, de 1910; publicada em extratexto, na 1.^a edição, com data de 1912, das *Poesias Religiosas de João de Deus*⁷⁷.

⁷⁶ Ext. DEUS, João de - *Versos de João de Deus para o povo e para as crianças*. 1.^a Edição. Lisboa: Livraria Ferreira, 1911.

⁷⁷ Ext. DEUS, João de - *Poesias Religiosas*. 1.^a Edição. Lisboa: Livraria Aillaud, Alves e C.^a., 1912.



Fig. 38 *Mendigo sentado*, de 1915; publicado em extratexto, na 1.^a edição de *Caminhos*, volume da coletânea poética *A minha Terra*⁷⁸.



Fig. 39 *Mendigo em movimento*, de 1915; publicado em extratexto, na 1.^a edição de *Caminhos*, volume da coletânea poética *A minha Terra*⁷⁹.

⁷⁸ Ext. OLIVEIRA, António Correia de - *A minha terra. I Caminhos*. 1.^a Edição. Paris, Lisboa, Rio de Janeiro: Aillaud e Bertrand e Francisco Alves, 1915.

⁷⁹ Ext. Idem - *Ibidem*.

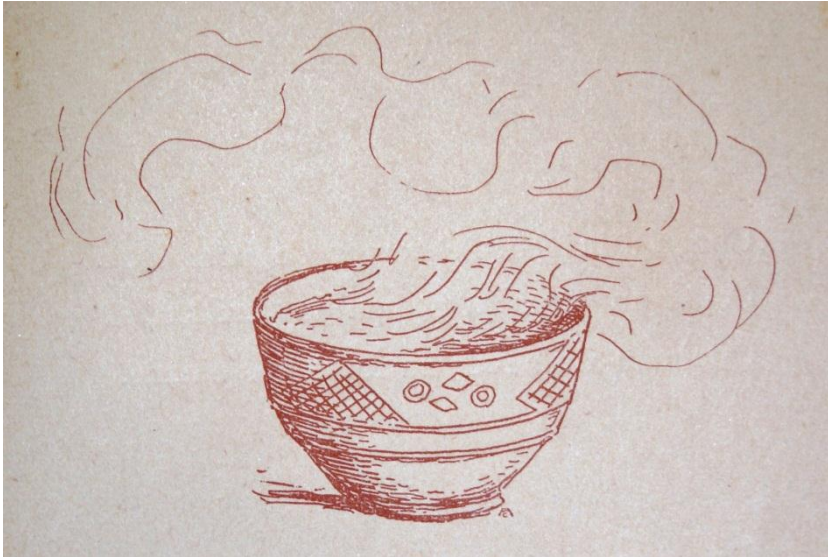


Fig. 40 *O caldo dos pobres*; publicado no corpo textual da 1.^a edição, em 1916, de *Do meu quintal*, da coletânea poética *A minha terra*⁸⁰.



Fig. 41 *Idosa alimentando-se*; de 1916, publicada em extratexto, num álbum de beneficência, editado em favor do *Asilo Portuense de Mendicidade*, em 1917⁸¹.

⁸⁰ Ext. OLIVEIRA, António Correia de - *A minha terra. VI Do meu quintal*. 1.^a Edição. Paris, Lisboa, Rio de Janeiro: Aillaud e Bertrand e Francisco Alves, 1916.

⁸¹ Ext. Aa.Vv. - *Álbum de desenhos. Em benefício do Asilo Portuense de Mendicidade*. 1.^a Edição. Porto: (s/n.), 1917.

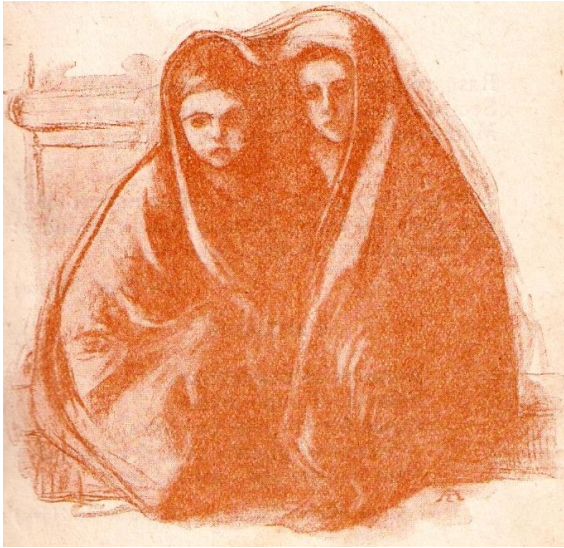


Fig. 42 *janeiro: Crianças abrigadas*; publicadas em extratexto, na 1.^a edição, de 1918, de uma agenda nobilitada com poesia e respetiva ilustração⁸².

4.3.2 Ícones de labor e quotidiano rural



Fig. 43 *Motivo familiar à lareira*; publicado em extratexto, na 2.^a edição, em 1919, de *À Lareira*, volume da coletânea poética *A minha Terra*⁸³.

⁸² Ext. GONDARÉM, Maria, OLIVEIRA, António Correia de - *Dias que passam, dias que ficam, em que dia nasceu?*. 1.^a Edição. Lisboa: Lusitana, 1918.

⁸³ Ext. OLIVEIRA, António Correia de - *A minha terra. III À Lareira*. 2.^a Edição. Paris, Lisboa, Rio de Janeiro: Aillaud e Bertrand e Francisco Alves, 1919.

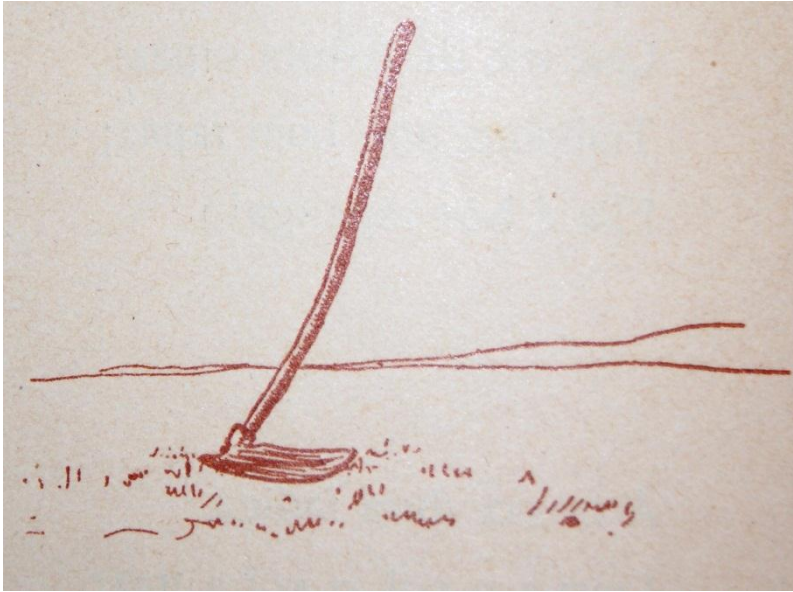


Fig. 44 *Enxada*; composição publicada em corpo textual, na 2.^a edição, em 1919, de À Lareira, volume da coletânea poética *A minha terra*⁸⁴.



Fig. 45 *Registo feminino em vindima*; publicada em extratexto, na 1.^a edição de *Canções do Amor à terra*, em 1929, de Estefânia Cabreira e Oliveira Cabral⁸⁵.

⁸⁴ Ext. OLIVEIRA, António Correia de – *Ob. Cit.* (1919).

⁸⁵ Ext. CABREIRA, Estefânia, CABRAL, Oliveira - *Biblioteca dos Pequenininos n.º 24: Canções do amor à terra*. 1.^a Edição. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1929.

4.4 Mãos como ícones transmissores de estados de alma - Ilustração direta (correspondência imagética com pressupostos textuais narrados)

4.4.1 Atitude agressiva

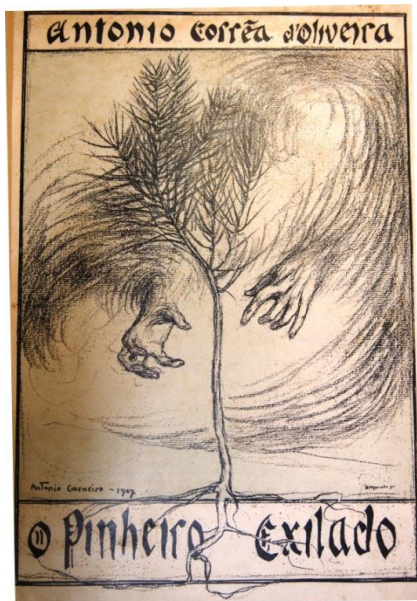


Fig. 46 Capa, de 1907; publicada na 1.^a edição em 1908, de *O Pinheiro Exilado*, de António Correia de Oliveira⁸⁶.



Fig. 47 Capa, de 1910; publicada na 1.^a edição de *Serão Inquieto*, de António Patrício⁸⁷.

⁸⁶ Ext. OLIVEIRA, António Correia de - *O Pinheiro Exilado*. 1.^a Edição. Lisboa: Livraria Ferreira, 1908.

⁸⁷ Ext. PATRÍCIO, António - *Serão Inquieto*. 1.^a Edição. Porto: Magalhães e Moniz, 1910.

4.4.2 Contemplação

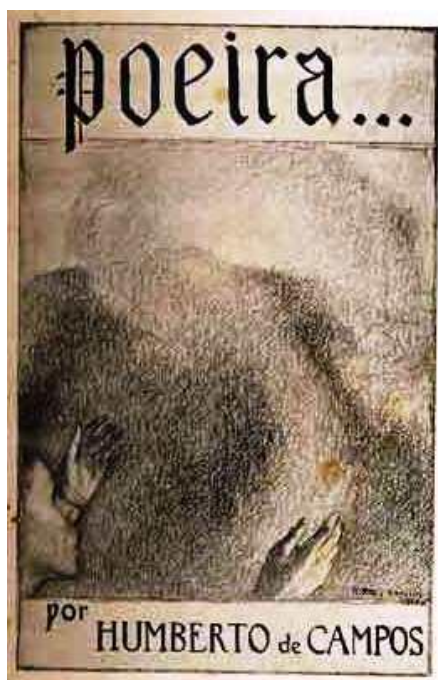


Fig. 48 Capa, da 1.^a edição, em 1910-1911, de *Poeira*, de Humberto de Campos⁸⁸.



Fig. 49 *Ars fons meae Vitae*; ex-libris de Aarão de Lacerda, publicado pela primeira vez em ca. 1915, na 1.^a edição de *Da ironia, do riso, da caricatura*⁸⁹.

⁸⁸ Ext. CAMPOS, Humberto de - *Poeira*. 1.^a Edição. Porto: Magalhães e Moniz, 1910 – 1911.

⁸⁹ Ext. LACERDA, Aarão de - *Da ironia, do riso, da caricatura. Ensaio estético*. 1.^a Edição. Porto: Edição do Autor, 1915.

4.4.3 Simbolismo



Fig. 50 *Mão emergente de neblina*; publicada no corpo textual da 1.^a edição, em 1915, de *Auto do Ano Novo*, volume da coletânea poética *A minha terra*⁹⁰.



Fig. 51 *abril: A Mão de Deus sobre o mundo*; publicada na 1.^a edição, em 1918, da agenda *Dias que passam, dias que ficam, em que dia nasceu?*, com poesia de António Correia de Oliveira selecionada por Maria Gondarém⁹¹.

⁹⁰ Ext. OLIVEIRA, António Correia de - *A minha terra. II Auto do Anno Novo*. 1.^a Edição. Paris, Lisboa, Rio de Janeiro: Aillaud e Bertrand e Francisco Alves, 1915.

⁹¹ Ext. GONDARÉM, Maria, OLIVEIRA, António Correia de – *Ob. cit.* (1918).

4.4.4 Ovação



Fig. 52 *Mãos em momento de ovação*; composição publicada em corpo textual na 2.^a edição, em 1919, de *À lareira*, volume da coletânea poética *A minha terra*⁹².

4.4.5 Oração

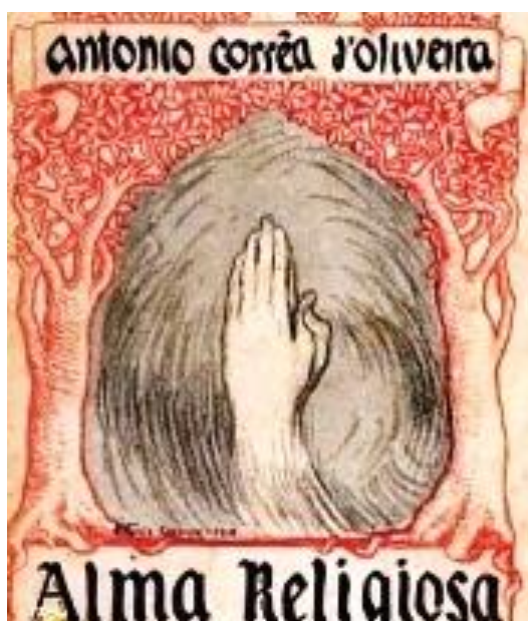


Fig. 53 Capa; publicada na 1.^a edição, em 1910, de *Alma Religiosa*, de António Correia de Oliveira⁹³.

⁹² Ext. OLIVEIRA, António Correia de – *Ob. Cit.* (1919).

⁹³ Ext. OLIVEIRA, António Correia de - *Alma Religiosa*. 1.^a Edição. Porto: Magalhães e Moniz, 1910.

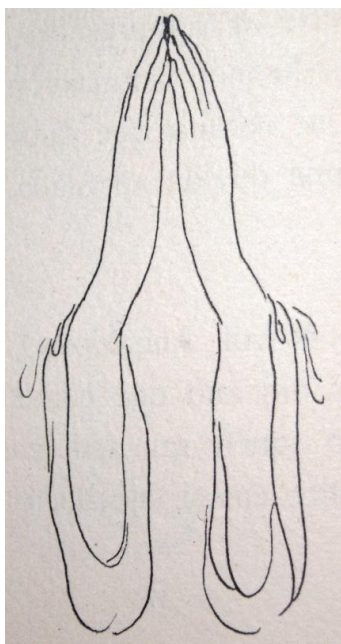


Fig. 54 Registo contornado de *mãos em simbolismo de atitude orante*; publicado na 1.^a edição, em 1928, de *O Natal*, da autoria de Joaquim Freitas Gonçalves⁹⁴.

4.4.6 Atitude solene

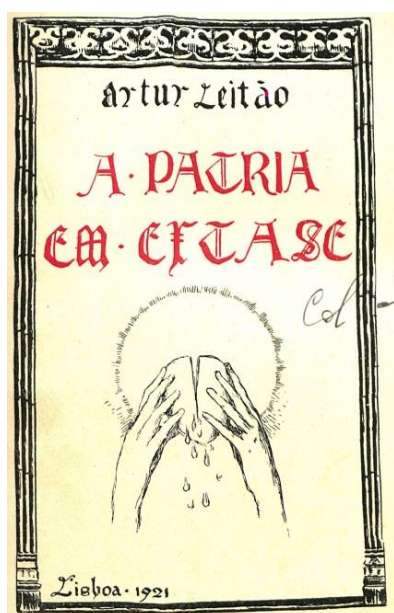


Fig. 55 *Mãos em suporte de símbolo nimbado*; capa publicada na 1.^a edição, em 1921, de *A Pátria em êxtase*. Conferência de Artur Leitão dedicada aos mortos nacionais, na 1.^a Guerra Mundial⁹⁵.

⁹⁴ Ext. GONÇALVES, Joaquim Freitas - *O Natal*. 1.^a Edição. Porto: Tip. Costa Carregal, 1928.

⁹⁵ Ext. LEITÃO, Artur - *A pátria em êxtase*. 1.^a Edição. Porto, Lisboa, Coimbra, Rio de Janeiro: Lumen, 1921.

4.5 Apontamentos paisagistas - Ilustração direta (correspondência imagética com pressupostos textuais narrados)

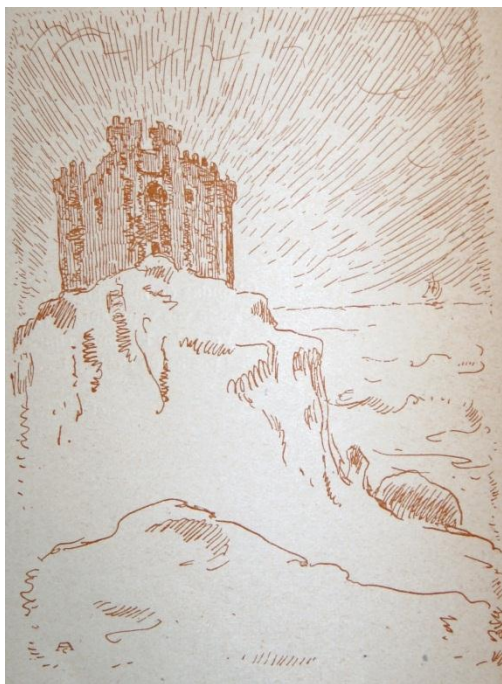


Fig. 56 *Farol de Esposende*; publicado em extratexto, na 1.^a edição, de 1916, de *D'aquém e d'além ondas*, volume da coletânea poética *A minha terra*⁹⁶.



Fig. 57 *Paisagem subtil*; publicada no corpo textual, da 1.^a edição, em 1916, de *D'aquém e d'além ondas*, volume da coletânea poética *A minha terra*⁹⁷.

⁹⁶ Ext. OLIVEIRA, António Correia de - *A Minha terra. V D'Aquém e d'além ondas*. 1.^a Edição. Paris, Lisboa, Rio de Janeiro: Aillaud e Bertrand e Francisco Alves, 1916.

⁹⁷ Ext. Idem - *Ibidem*.



Fig. 58 *Vista do Brasil – Rochedos do Rio de Janeiro*; publicados na 1.^a edição, de 1916, de *D´aquém e d´além ondas*, volume da coletânea poética *A minha terra*⁹⁸.



Fig. 59 *Muros do quintal – Quinta de António Correia de Oliveira em Belinho*; publicada no corpo textual, da 1.^a edição, em 1916, de *Do meu quintal*, volume da coletânea poética *A minha terra*⁹⁹.

⁹⁸ Ext. OLIVEIRA, António Correia de – *Ob. Cit.* (1916).

⁹⁹ Ext. OLIVEIRA, António Correia de – *Ob. Cit.* (1916).



Fig. 60 *De altos montes*; grafismo publicado no corpo textual da 1.^a edição, em 1917, de *Cartas ao vento*, volume da coletânea poética *A minha terra*¹⁰⁰.



Fig. 61 *Casa da quinta da Mafarra*; cabeçalho imagético publicado na 1.^a edição, em 1922, do memorial de Francisco Tavares de Proença dedicado a F. A. de Oliveira Feijão¹⁰¹.

¹⁰⁰ Ext. OLIVEIRA, António Correia de - *A minha terra. X Cartas ao vento*. 1.^a Edição. Paris, Lisboa, Rio de Janeiro: Aillaud e Bertrand e Francisco Alves, 1917.

¹⁰¹ Ext. PROENÇA, Francisco Tavares de - *Ob. Cit.* (1922).



Fig. 62 *Entrada da quinta da Mafarra*; cabeçalho imagético publicado na 1.^a edição, em 1922, do memorial de Francisco Tavares de Proença dedicado a F. A. de Oliveira Feijão¹⁰².



Fig. 63 *Paisagem da Mafarra*; cabeçalho imagético publicado na 1.^a edição, em 1922, do memorial de Francisco Tavares de Proença dedicado a F. A. de Oliveira Feijão¹⁰³.

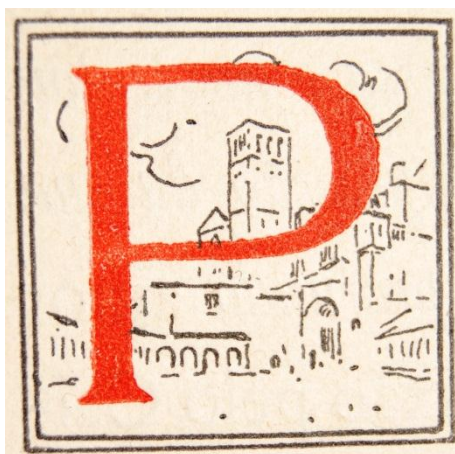


Fig. 64 *Letra capitular P com vista da Basílica de Assis em plano recuado*; publicada na 1.^a edição, em 1927, de *O Santo*, de Manuel da Silva Gaio¹⁰⁴.

¹⁰² Ext. PROENÇA, Francisco Tavares de – *Ob. Cit.* (1922).

¹⁰³ Ext. Idem - *Ibidem*.

¹⁰⁴ Ext. GAIO, Manuel da Silva - *O Santo*. 1.^a Edição. Coimbra: Imp. Da Universidade de Coimbra, 1927.

4.6 Cercaduras vegetalistas e heráldicas - Ilustração direta (correspondência imagética com pressupostos textuais narrados)

4.6.1 Cercadura heráldica



Fig. 65 *Ex – libris original de Ignasi Ribera y Rovira*, de 1908; aplicado nas suas obras – inclusive como capa – desde ca. de 1911¹⁰⁵.

4.6.2 Cercadura vegetalista

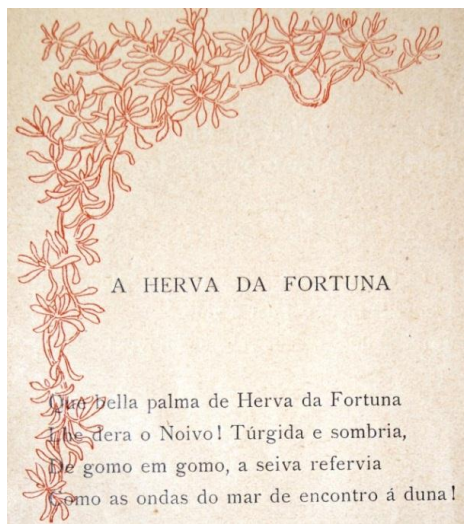


Fig. 66 *A herva da fortuna*; publicada na 1.^a edição, em 1916, de *Do meu quintal*, volume da coletânea poética *A minha terra*¹⁰⁶.

¹⁰⁵ Ext. RIBERA Y ROVIRA, Ignasi - *Portugal y Galicia Nacion*. 1.^a Edição. Barcelona: R. Tobella, 1911.

¹⁰⁶ Ext. OLIVEIRA, António Correia de – *Ob. Cit.* (1916).

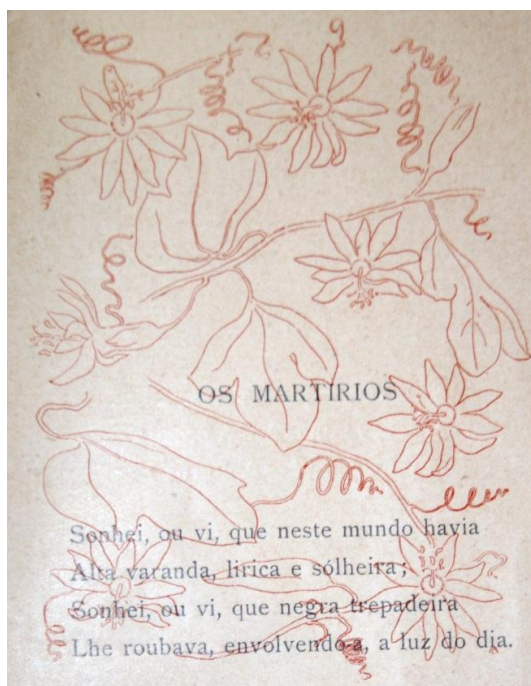


Fig. 67 *Os martírios*; motivo botânico publicado na 1.^a edição, de 1916, de *Do meu quintal*, da coletânea poética *A minha terra*¹⁰⁷.

4.6.3 Motivo vegetalista



Fig. 68 *Espigas*; composição publicada na 1.^a edição, em 1922, do memorial de Francisco Tavares de Proença dedicado a F.A. de Oliveira Feijão¹⁰⁸.

¹⁰⁷ Ext. OLIVEIRA, António Correia de – *Ob. Cit.* (1916).

¹⁰⁸ Ext. PROENÇA, Francisco Tavares de – *Ob. Cit.* (1922).

4.7 Arvoredos e árvores isoladas - Ilustração direta (correspondência imagética com pressupostos textuais narrados)

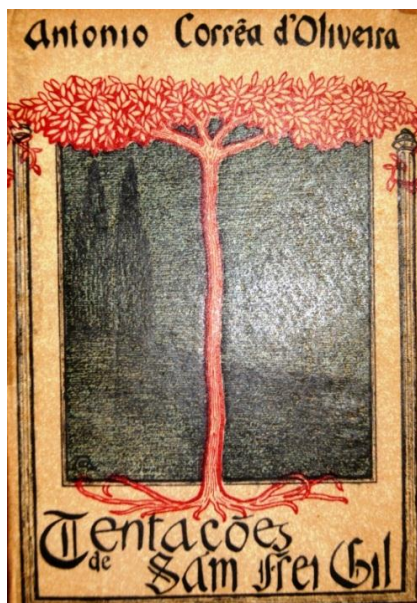


Fig. 69 Capa; publicada na 1.^a edição, em 1907, de *Tentacões de Sam Frei Gil*, de António Correia de Oliveira¹⁰⁹.



Fig. 70 *Pinheiro à janela*; publicado na 1.^a edição, em 1908, de *O Pinheiro Exilado*, de António Correia de Oliveira¹¹⁰.

¹⁰⁹ Ext. OLIVEIRA, António Correia de - *Tentacões de Sam Frei Gil*. 1.^a Edição. Lisboa: Ferreira e Oliveira, 1907.

¹¹⁰ Ext. OLIVEIRA, António Correia de – *Ob. Cit.* (1908).



Fig. 71 *Pinheiro recortado pela lua*; publicado na 1.^a edição, em 1908, de *O Pinheiro Exilado*, de António Correia de Oliveira¹¹¹.



Fig. 72 *Pinheiral*; publicado na 1.^a edição, em 1915, de *Caminhos*, da coletânea poética *A minha terra*¹¹².

¹¹¹ Ext. OLIVEIRA, António Correia de – *Ob. Cit.* (1908).

¹¹² Ext. OLIVEIRA, António Correia de – *Ob. Cit.* (1915).

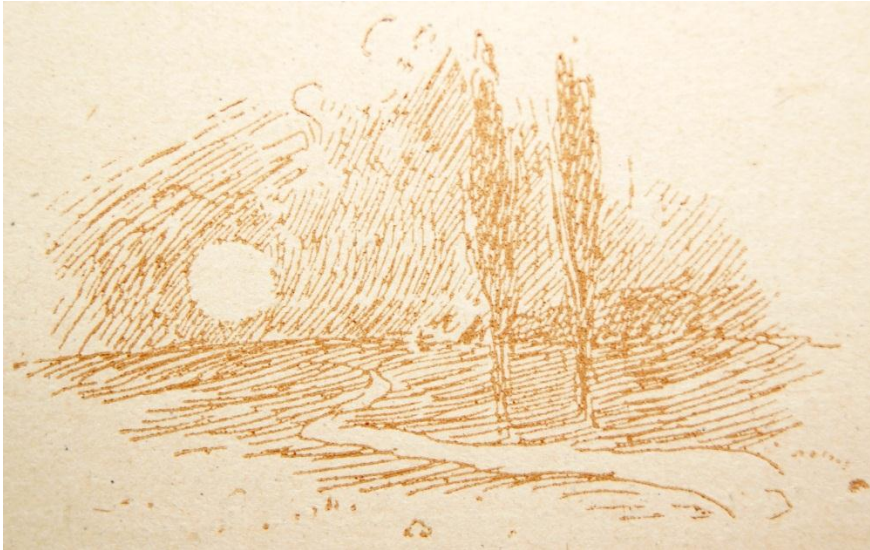


Fig. 73 *Erguer da lua*; publicado na 1.^a edição, em 1916, de *Os namorados*, da coletânea poética *A minha terra*¹¹³.



Fig. 74 *Vista de torre sineira no arvoredos*; publicada na 1.^a edição, em 1916, de *Os namorados*, da coletânea poética *A minha terra*¹¹⁴.

¹¹³ Ext. OLIVEIRA, António Correia de - *A minha terra. VII Os namorados*. 1.^a Edição. Lisboa, Paris, Rio de Janeiro: Aillaud e Bertrand e Francisco Alves, 1916.

¹¹⁴ Ext. Idem - *Ibidem*.

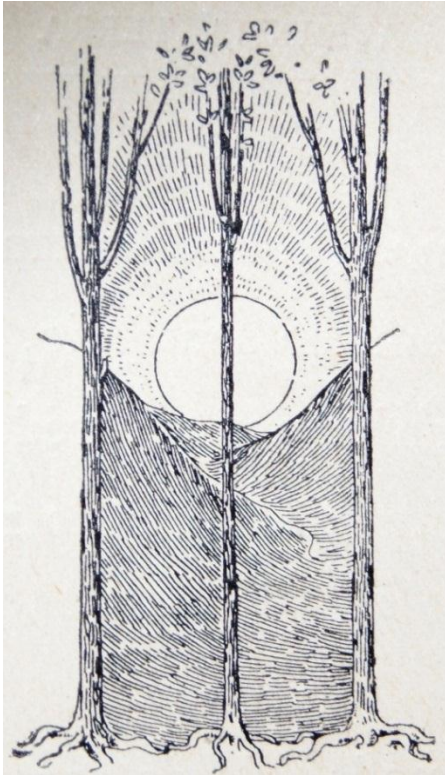


Fig. 75 *Modas da serra – Lua, montanhas e árvores*; publicadas na 1.^a edição, em 1916, de *Um lenço de cantigas*, da coletânea poética *A minha terra*¹¹⁵.

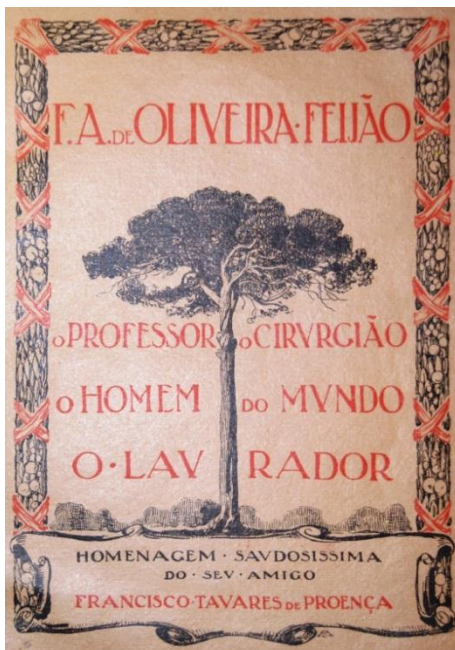


Fig. 76 Capa; publicada na 1.^a edição, em 1922, do memorial de Francisco Tavares de Proença dedicado a F.A. de Oliveira Feijão¹¹⁶.

¹¹⁵ Ext. OLIVEIRA, António correia de - *A minha terra. IX Um lenço de cantigas*. 1.^a Edição. Paris, Lisboa: Aillaud e Bertrand, 1916.

¹¹⁶ Ext. PROENÇA, Francisco Tavares de – *Ob. Cit.* (1922).

4.8 Graciosidade e sentimentalismo feminil - Ilustração direta
(correspondência imagética com pressupostos textuais narrados)

4.8.1 Graciosidade feminil



Fig. 77 *Conselho d'amigo*; cartaz publicitário, em 1910, para a empresa vinícola Adriano Ramos Pinto e Irmão. Coleção Casa Ramos Pinto - Porto.

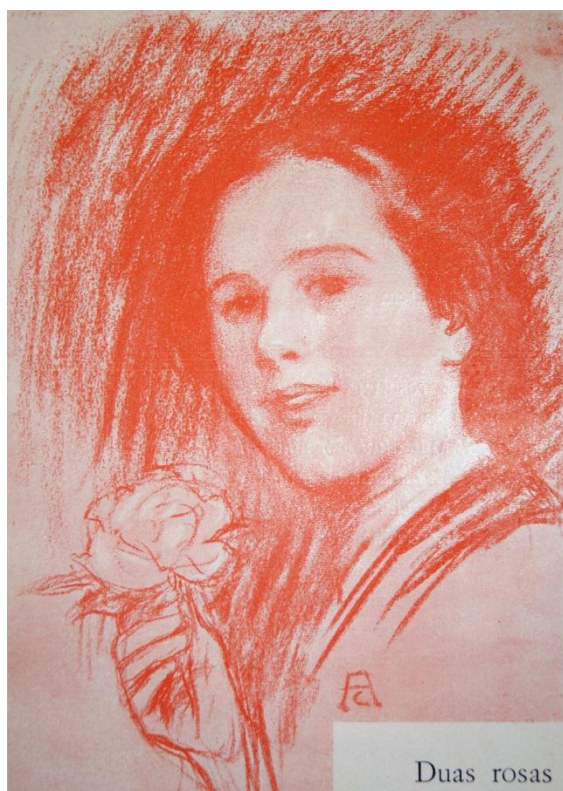


Fig. 78 *Duas Rosas*; registo feminino publicado na 1.^a edição, em 1911, dos versos de João de Deus¹¹⁷.

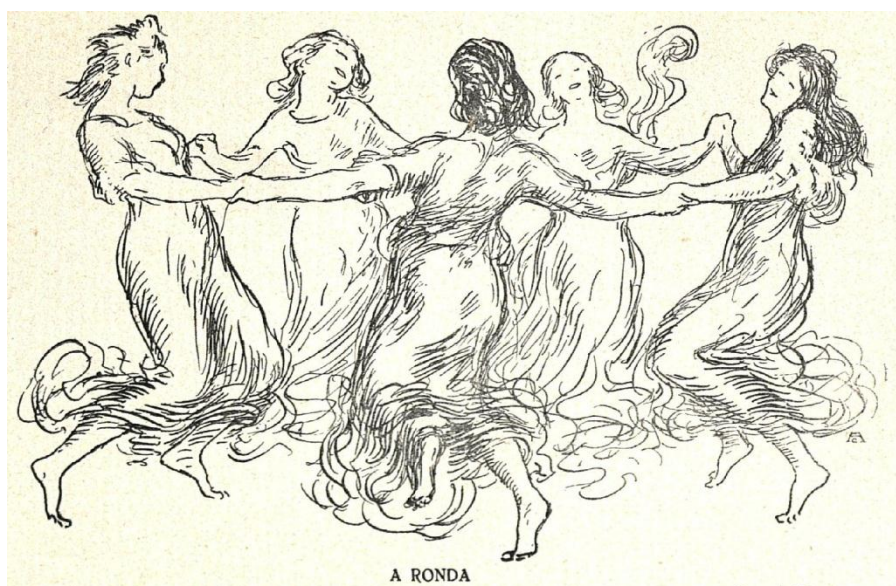


Fig. 79 *A ronda*; publicada em 1916, na revista *Gente lusa*. Arquivo de Letras e Artes¹¹⁸.

¹¹⁷ Ext. DEUS, João de – *Ob. Cit.* (1911).

¹¹⁸ Ext. *Gente Lusa Arquivo de Letras e Artes*. I Série, n.º 4, Praia da Granja: maio de 1916.

4.8.2 Sentimentalismo



Fig. 80 *Adeus*; grafismo publicado na 1.^a edição, em 1919, de *Cantares*¹¹⁹, com poemas de António Botto.

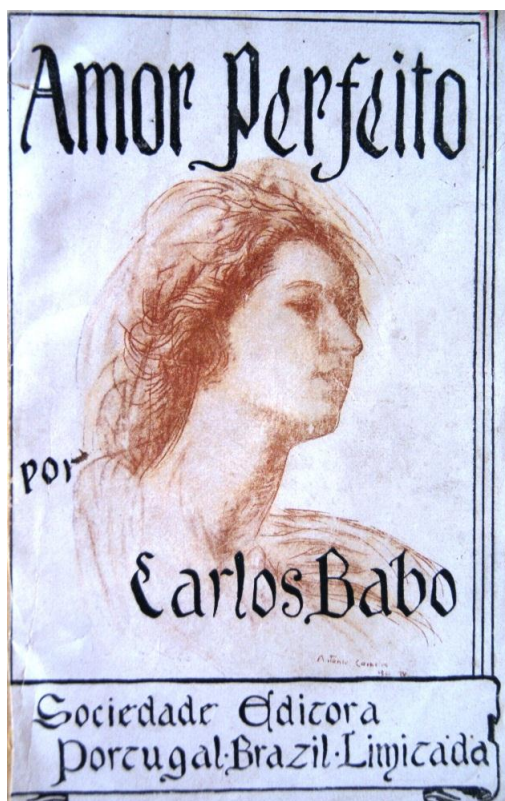


Fig. 81 Capa; aplicada na 1.^a edição, em 1922, de *Amor Perfeito*, de Carlos Babo¹²⁰.

¹¹⁹ Ext. BOTTO, António - *Cantares*. 1.^a Edição. Lisboa: Tip. Anuário Comercial, 1919.

¹²⁰ Ext. BABO, Carlos - *Amor Perfeito*. 1.^a Edição. Lisboa: Portugal – Brasil, 1922.

4.9 Maternidades - Ilustração direta (correspondência imagética com pressupostos textuais narrados)



Fig. 82 *Estudo para Madona – Maternidade*; publicada, em 1908, na revista *Ilustração Popular*¹²¹, em ca. de 1908 – 1909.



Fig. 83 *Maternidade*; publicada na 1.^a edição, em 1915, de *Auto do ano novo*, da coletânea poética *A minha terra*¹²².

¹²¹ Ext. *Ilustração Popular*. (s/n.), Porto: (s/d.).

¹²² Ext. OLIVEIRA, António Correia de – *Ob. Cit.* (1915).



Fig. 84 *Maternidade*, de 1911; publicada, em 1922, no n.º 843 da II série da revista *Ilustração Portuguesa*¹²³.

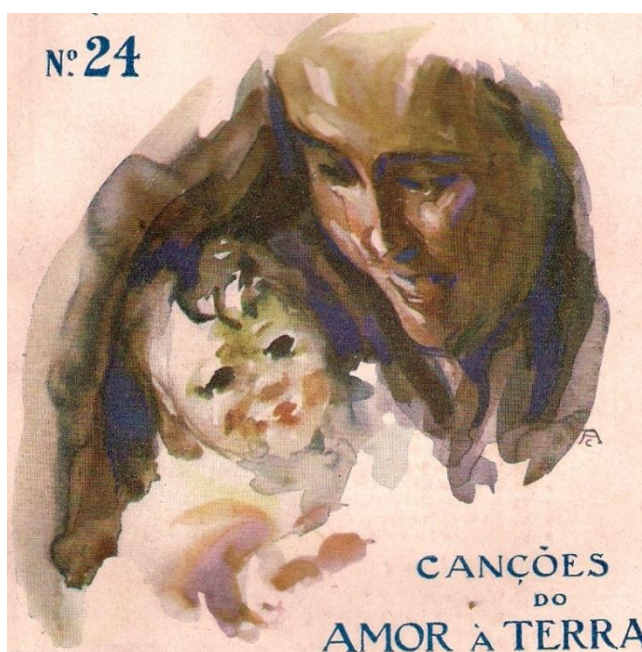


Fig. 85 *Maternidade*, capa; da 1.ª edição, em 1929, de *Canções do Amor à terra*, de Estefânia Cabreira e Oliveira Cabral¹²⁴.

¹²³ Ext. *Ilustração Portuguesa*. II Série, n.º 843, Lisboa: abril de 1922.

¹²⁴ Ext. CABREIRA, Estefânia, CABRAL, Oliveira - *Biblioteca dos Pequenininos n.º 24: Canções do amor à terra*. 1.ª Edição. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1929.

4.10 Registos infantis - Ilustração direta (correspondência imagética com pressupostos textuais narrados)

4.10.1 Retratação infantil



Fig. 86 *Cacho de cabeças de crianças*, capa; da 1.^a edição, em 1911, dos versos de João de Deus¹²⁵.



Fig. 87 *Lopo*; retrato do filho do escritor António Sardinha, publicado na 1.^a edição, em 1926, das suas elegias *Era uma vez um menino*¹²⁶.

¹²⁵ Ext. DEUS, João de – *Ob. Cit.* (1911).

¹²⁶ Ext. SARDINHA, António - *Era uma vez um menino. Elegias escritas*. 1.^a Edição. Lisboa: Livraria Universal, 1926.

4.10.2 Quotidiano lúdico



Fig. 88 *Criança sentada*; publicada na 1.^a edição, em 1915, de *Caminhos*, volume da coletânea poética *A minha terra*¹²⁷.

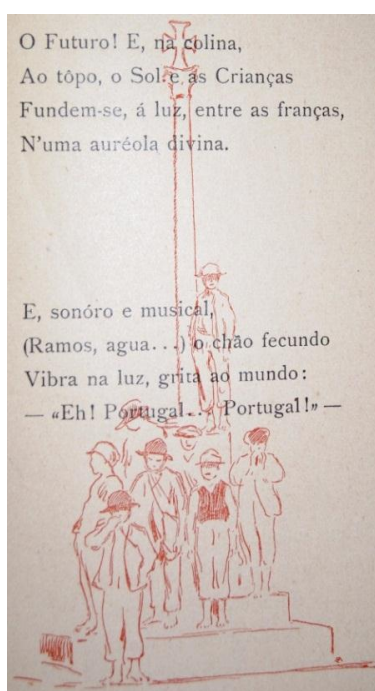


Fig. 89 *Crianças em pelourinho – futuro da raça*; publicada na 1.^a edição, em 1917, de *Cartas ao vento*, volume da coletânea *A minha terra*¹²⁸.

¹²⁷ Ext. OLIVEIRA, António Correia de – *Op. Cit.* (1915).

¹²⁸ Ext. OLIVEIRA, António Correia de – *Ob. Cit.* (1917).

4.11 Religiosidade - Ilustração direta (correspondência imagética com pressupostos textuais narrados)

4.11.1 Profissão cultural



Fig. 90 *Padre nosso ou oração do senhor*; publicada na 1.^a edição, em 1912, das *Poesias religiosas* de João de Deus¹²⁹.

4.11.2 Iconografia Cristológica



Fig. 91 *Sino com pombas esvoaçantes – Jesus*; publicado na 2.^a edição, em 1916, de *Auto de junho*, volume da coletânea poética *A minha terra*¹³⁰.

¹²⁹ Ext. DEUS, João de – *Ob. Cit.* (1912).

¹³⁰ Ext. OLIVEIRA, António Correia de - *A minha terra. VIII Auto de junho*. 2.^a Edição. Paris, Lisboa, Rio de Janeiro: Aillaud e Bertrand e Francisco Alves, 1916.

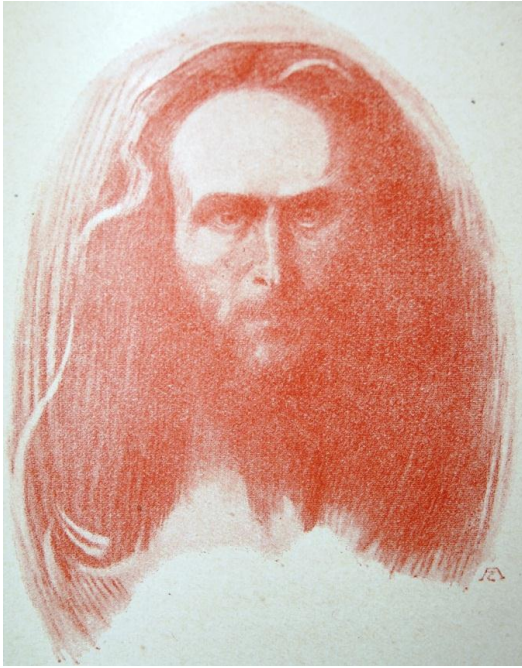


Fig. 92 *O Senhor abade novo – Cristo*; publicado na 1.^a edição, em 1917, de *Cartas ao vento*, volume da coletânea *A minha terra*¹³¹.



Fig. 93 *Jesus e o Guerreiro*; composição publicada na 2.^a edição, em 1920, de *Jesus*, de D. João de Castro¹³².

¹³¹ Ext. OLIVEIRA, António Correia de – *Ob. Cit.* (1917).

¹³² Ext. CASTRO, D. João de - *Jesus*. 2.^a Edição. Porto: Renascença Portuguesa, 1920.

4.11.3 Iconografia Mariana



Fig. 94 *Anunciação*; grafismo ilustrativo de um poema de Augusto Gil, publicado, em 1915, na revista *Atlântida*¹³³.



Fig. 95 *Virgem do Leite*; copiada de gravura e publicada na 2.^a edição, em 1916, de *Auto de junho*, volume da coletânea poética *A minha terra*¹³⁴.

¹³³ Ext. *Atlântida. Mensário Artístico, literário e social para Portugal e Brasil*. vol. 1, n.º 2, Lisboa: 1915.

¹³⁴ Ext. OLIVEIRA, António Correia de – *Ob. cit.* (1916).

4.11.4 Iconografia Franciscana



Fig. 96 *Estigmatização de São Francisco de Assis*; publicada na 1.^a edição, em 1927, de *O Santo*, de Manuel da Silva Gaio¹³⁵.

4.11.5 Iconografia Dominicana



Fig. 97 *O Altitude*; ilustração do poema homónimo, com figura de dominicano publicado na 1.^a edição, em 1929, de *Promontório Sacro*, com poemas de Cândido Guerreiro¹³⁶.

¹³⁵ Ext. GAIO, Manuel da Silva – *Ob. Cit.* (1927).

¹³⁶ Ext. GUERREIRO, Cândido - *Promontório Sacro*. 1.^a Edição. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1929.

4.12 Problemáticas metafísicas e ambiências soturnas - Ilustração direta (correspondência imagética com pressupostos textuais narrados)

4.12.1 Problemáticas metafísicas

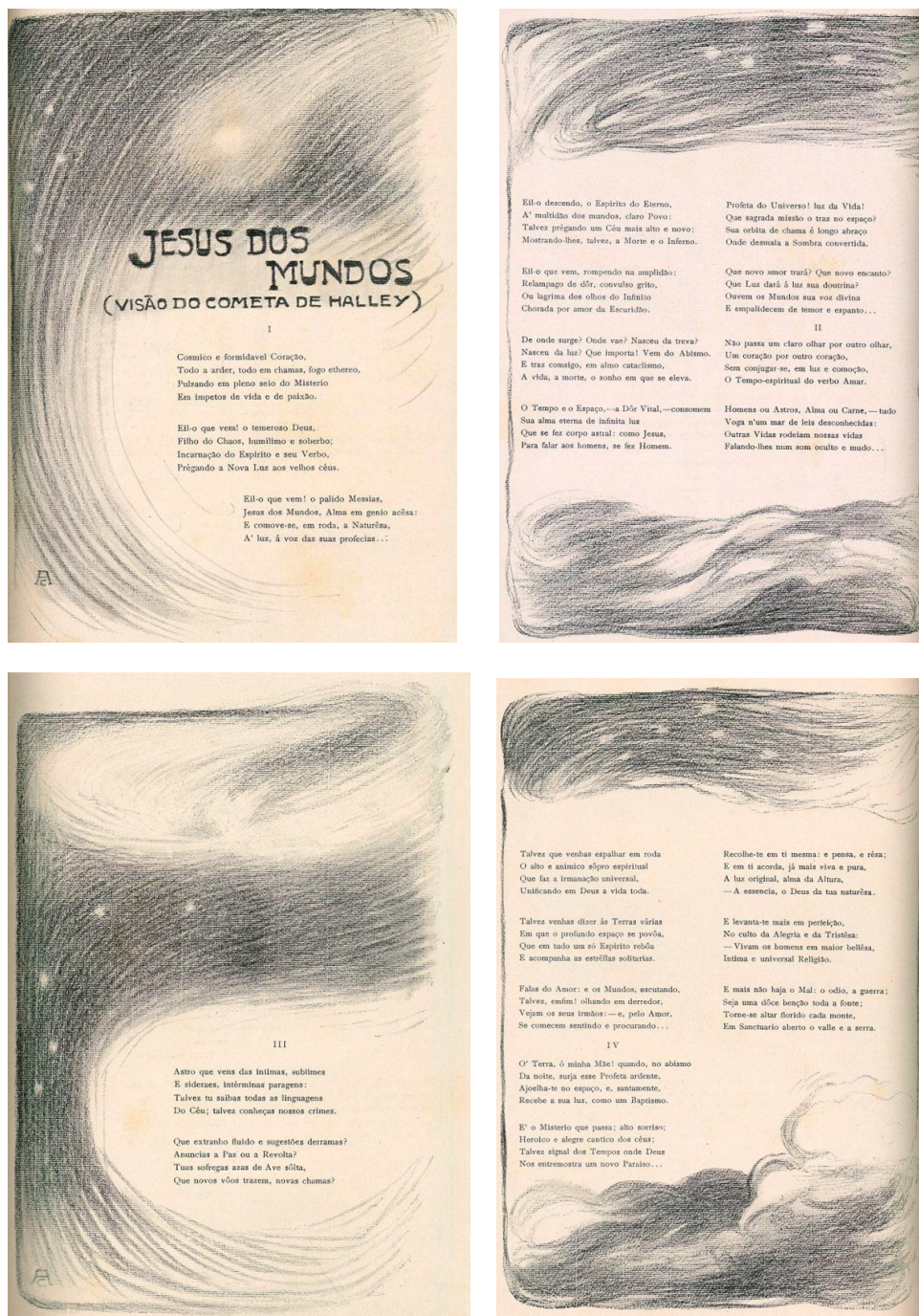


Fig. 98 – 101 Molduras gráficas; publicadas em 1910, na revista *Ilustração Portuguesa*, interpretativas do poema *Jesus dos mundos. Visão do cometa Halley*, de António Correia de Oliveira¹³⁷.

¹³⁷ Ext. *Ilustração Portuguesa*. n.º 212, Lisboa: 14 de março de 1910.

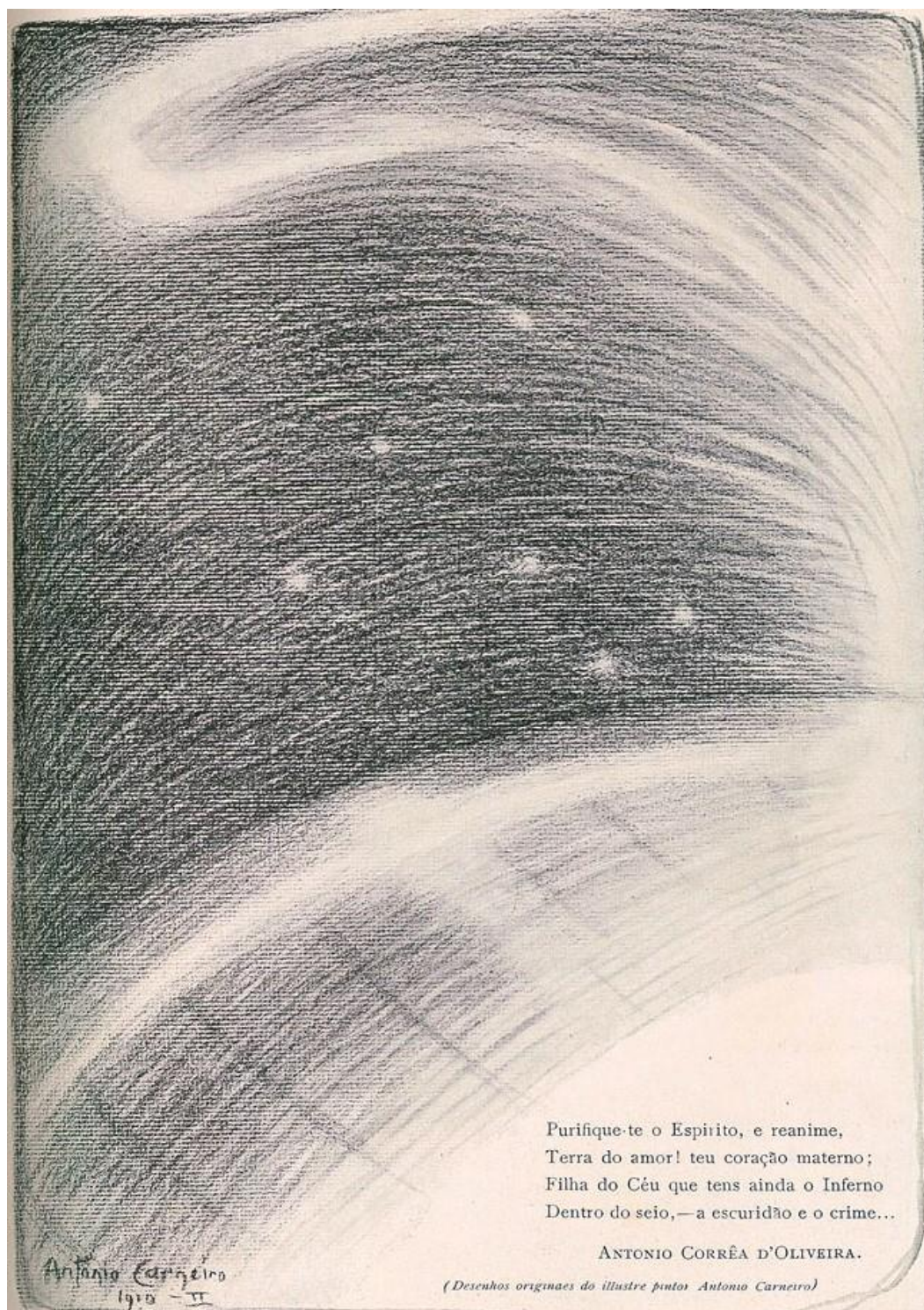


Fig. 102 *Grafismo final*; publicado em 1910, na revista *Ilustração Portuguesa*, interpretativo do poema *Jesus dos mundos. Visão do cometa Halley*, de António Correia de Oliveira ¹³⁸.

¹³⁸ Ext. *Ilustração Portuguesa*. n.º 212, Lisboa: 14 de março de 1910.

4.12.2 Ambiências soturnas



Fig. 103 *A sombra*; publicada na 1.^a edição, em 1912, de *O doido e a morte* de Teixeira de Pascoaes¹³⁹.

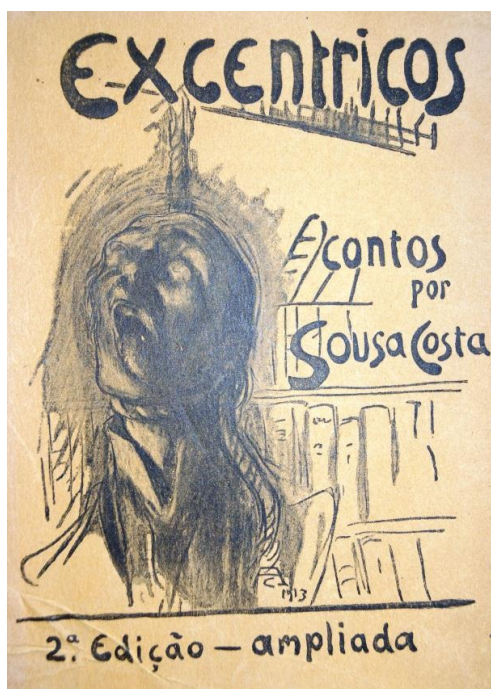


Fig. 104 *Suicídio por enforcamento* de José Afonso de Albuquerque; composição para a capa da 2.^a edição, ampliada, em 1914, de *Excêntricos*, de Sousa Costa¹⁴⁰.

¹³⁹ Ext. PASCOAES, Teixeira de - *O doido e a morte*. 1.^a Edição. Porto: Renascença Portuguesa, 1912.

¹⁴⁰ Ext. COSTA, E. de Sousa - *Excêntricos*. Contos. 2.^a Edição ampliada. Lisboa: Clássica Editora, 1914.

4.13 Idílios, mitologia e momentos alegóricos - Ilustração direta (correspondência imagética com pressupostos textuais narrados)

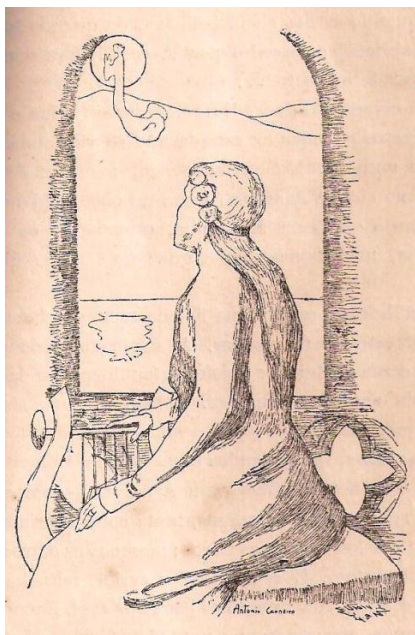


Fig. 105 *Felena*; publicada como ilustração do conto *A Sombra*, na 1.^a edição, em 1903, de *Perfis Suaves*, de Júlio Brandão¹⁴¹.



Fig. 106 Grafismo simbiótico entre uma lira e um perfil feminino, aplicado na capa de todos os números publicados, entre 1910 e 1911, da revista *Límia*¹⁴².

¹⁴¹ Ext. BRANDÃO, Júlio - *Perfis suaves*. 1.^a Edição. Porto: Tip. Universal, 1903.

¹⁴² Ext. *Límia*. I Série, n.º 1, Porto: outubro de 1910.



Fig. 107 *Lua medianeira*; publicada na 1.^a edição, em 1916, de *Do meu quintal*, volume da coletânea poética *A minha terra*¹⁴³.



Fig. 108 *Putti*; publicados na 1.^a edição, em 1916, de *Os namorados*, volume da coletânea *A minha terra*¹⁴⁴.

¹⁴³ Ext. OLIVEIRA, António Correia de – *Ob. Cit.* (1916).

¹⁴⁴ Ext. OLIVEIRA, António Correia de – *Ob. Cit.* (1916).

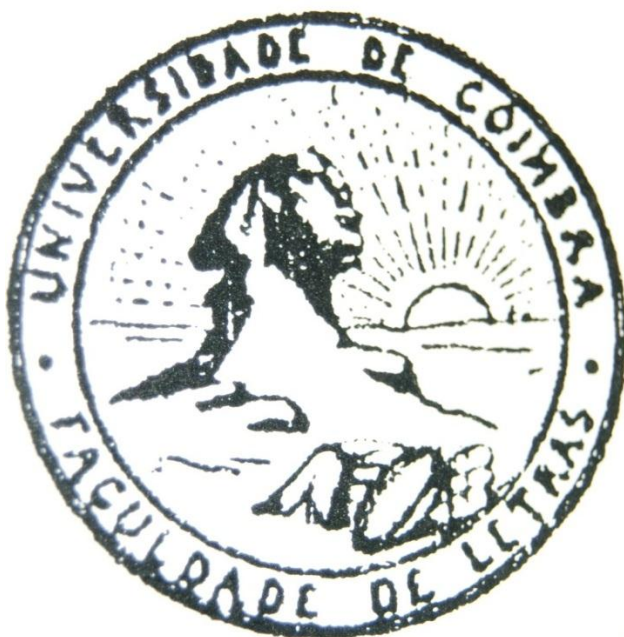


Fig. 109 *Esfinge*; aplicada em 1917, no programa plástico de um ex-libris, formalizado por A.C. para a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra¹⁴⁵.

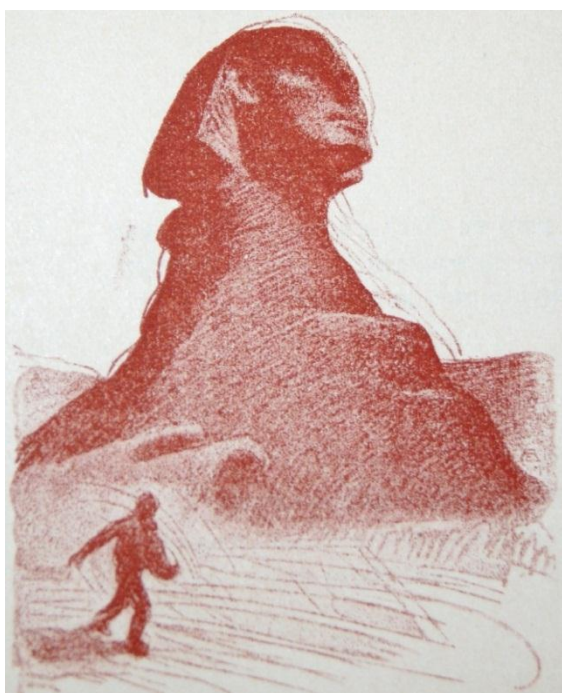


Fig. 110 *Esfinge*; publicada na 2.^a edição, em 1919, de *Vida de lavrador*, volume da coletânea poética *A minha terra*¹⁴⁶.

¹⁴⁵ Ext. PONTES, J.M. da Cruz – *O pintor António Carneiro no Património da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Minerva, 1997.

¹⁴⁶ Ext. OLIVEIRA, António Correia de - *A minha terra*. IV *Vida de Lavrador*. 2.^a Edição. Paris, Lisboa, Rio de Janeiro: Aillaud e Bertrand e Francisco Alves, 1919.

4.14 Contraste estético: Rigor – liberdade expressiva - Ilustração direta (correspondência imagética com pressupostos textuais narrados)

4.14.1 Rigor estrutural, preenchimento, proporção e tridimensionalidade



Fig. 111 Retrato em formato circular de *Luiz Vaz de Camões*; publicado na 1.^a edição, em 1911, dos versos de João de Deus¹⁴⁷.

4.14.2 Simplicidade linear



Fig. 112 Retrato circular de *Gutenberg*; publicado na 1.^a edição, em 1911, dos versos de João de Deus¹⁴⁸.

¹⁴⁷ Ext. DEUS, João de – *Ob. Cit.* (1911).

¹⁴⁸ Ext. Idem - *Ibidem*.

4.14.3 Rigor estrutural, preenchimento, proporção e tridimensionalidade

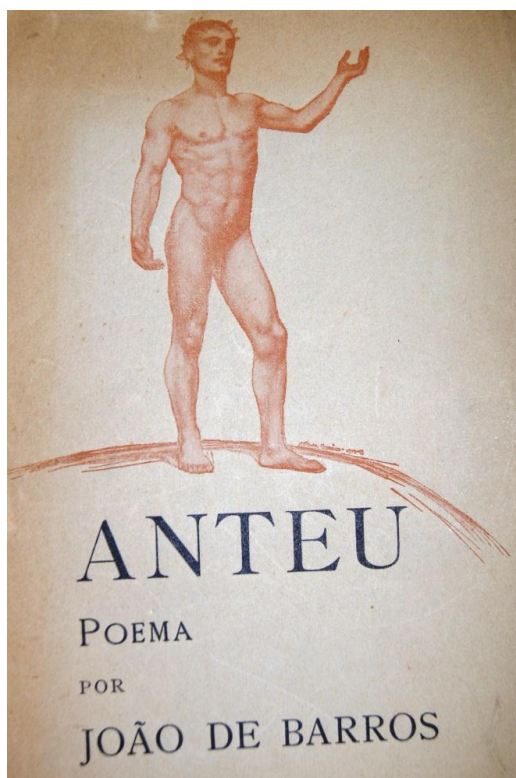


Fig. 113 *Anteu*; capa da 1.^a edição, em 1912, do poema de João de Barros¹⁴⁹.

4.14.4 Simplicidade linear



Fig. 114 *Criança prostrada*; publicada na 1.^a edição, em 1916, de *D'aquém e d'além ondas*, volume da coletânea poética *A minha terra*¹⁵⁰.

¹⁴⁹ Ext. BARROS, João de - *Anteu*. 1.^a Edição. Coimbra: F. França e Arménio Amado, 1912.

¹⁵⁰ Ext. OLIVEIRA, António Correia de - *Ob. Cit.* (1916).

4.14.5 Empenho atmosférico, contraste lumínico e proporção



Fig. 115 *Saudade – esposa com visão de Manoel*; publicada na 1.^a edição, em 1916, de *D'aquém e d'além ondas*, volume da coletânea poética *A minha terra*¹⁵¹.

4.14.6 Programa vertiginoso, de liberdade formal e expressiva

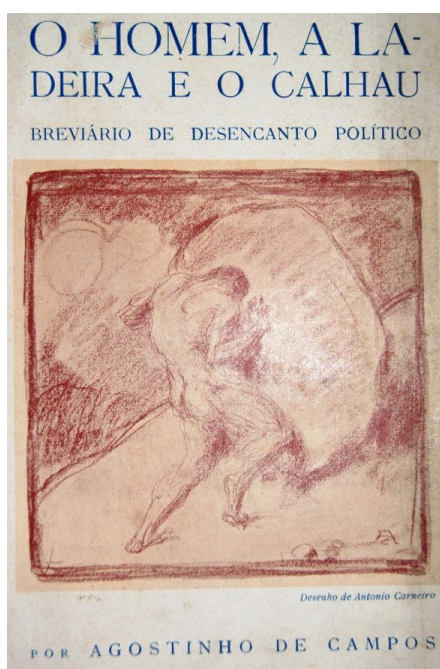


Fig. 116 *Sísifo*; capa da 1.^a edição, em 1924, do breviário de desencanto político, *O Homem, a ladeira e o calhau* de Agostinho de Campos¹⁵².

¹⁵¹ Ext. OLIVEIRA, António Correia de – *Ob. Cit.* (1916).

¹⁵² Ext CAMPOS, Agostinho de - *O homem, a ladeira e o calhau. Breviário de desencanto político*. 1.^aEdição. Paris, Lisboa: Aillaud e Bertrand, 1924.

4.14.6 Uso de linha de contorno e ausência de preenchimento em mancha / malha

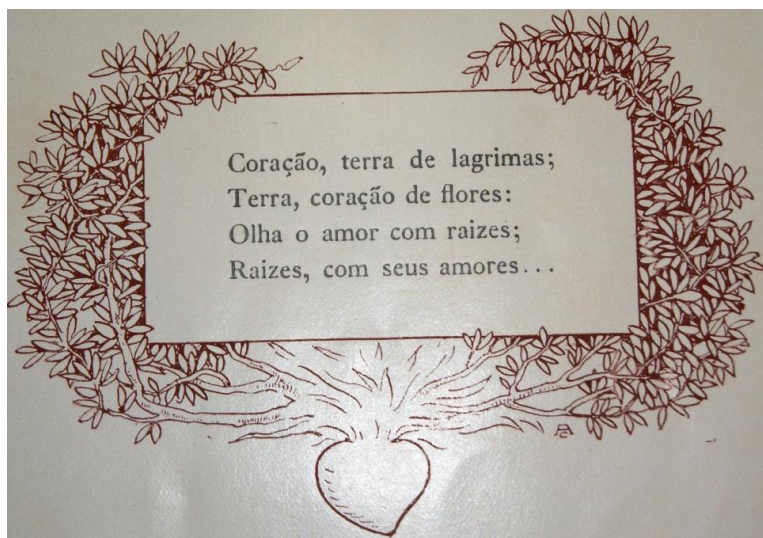


Fig. 117 *Coração com raízes*; moldura gráfica publicada na 1.^a edição, em 1908, de *O Pinheiro Exilado*, de António Correia de Oliveira¹⁵³.



Fig. 118 *Galo*; figuração publicada na 1.^a edição, em 1911, dos versos de João de Deus¹⁵⁴.

¹⁵³ Ext. OLIVEIRA, António Correia de – *Ob. Cit.* (1908).

¹⁵⁴ Ext. DEUS, João de – *Ob. Cit.* (1911).

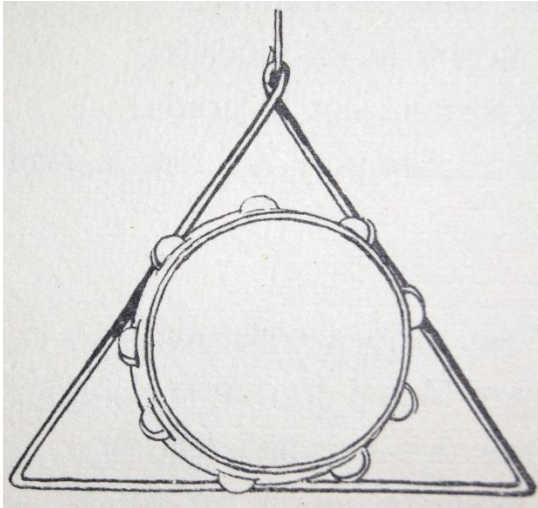


Fig. 119 *Triângulo (de ferrinhos) e pandeiro*; publicados na 1.^a edição, em 1928, de *O Natal*, de Joaquim Freitas Gonçalves¹⁵⁵.



Fig. 120 *Glória in excelsis deo – Menino Jesus*; publicado na 1.^a edição, em 1928, de *O Natal*, de Joaquim Freitas Gonçalves¹⁵⁶.

¹⁵⁵ Ext. GONÇALVES, Joaquim Freitas – *Ob. Cit.* (1928).

¹⁵⁶ Ext. Idem - *Ibidem*.

4.15 Outros exemplos de participação gráfica publicada – Ilustração direta e indireta



Fig. 121 Personagens interpretadas pelo ator António Dias Guilhermino, publicadas no seu memorial, em 1894, segundo o n.º 877, de 1922, da revista *Ilustração Portuguesa*¹⁵⁷.

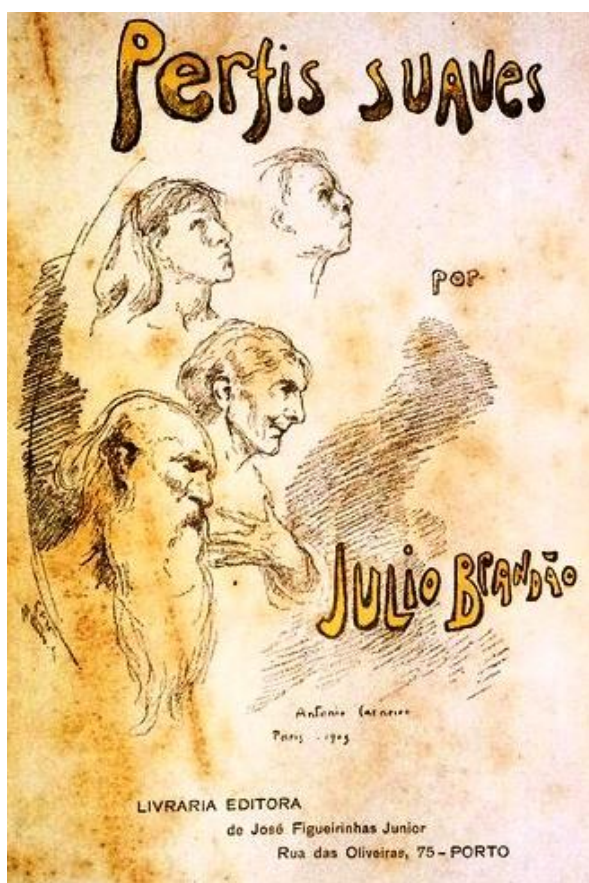


Fig. 122 Capa; publicada na 1.ª edição, em 1903, de *Perfis suaves*, de Júlio Brandão¹⁵⁸.

¹⁵⁷ Ext. *Ilustração Portuguesa*. II Série, n.º 877, Lisboa: dezembro de 1922.

¹⁵⁸ Ext. BRANDÃO, Júlio – *Ob. Cit.* (1903).

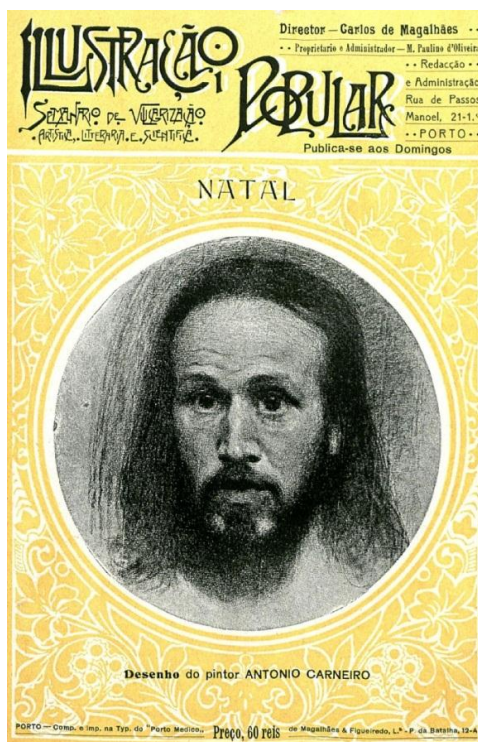


Fig. 123 *Estudo de cabeça de Cristo para A Ceia – autorretrato de António Carneiro*, ca. 1904; publicado, em 1908, na capa de um número natalício da revista *Ilustração Popular*¹⁵⁹.

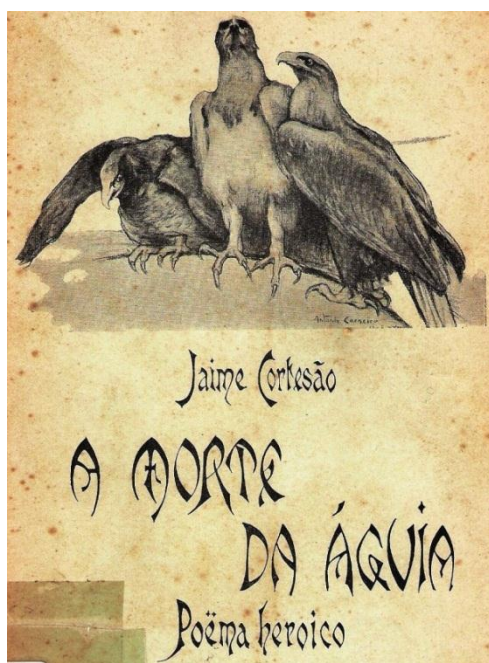


Fig. 124 Capa; publicada na 1.^a edição, em 1910, de *A morte da Águia*, poema heroico de Jaime Cortesão¹⁶⁰.

¹⁵⁹ Ext. *Ilustração Popular*. Ano I, n.º 9, Porto: novembro de 1908.

¹⁶⁰ Ext. CORTESÃO, Jaime - *A morte da Águia. Poema heroico em VII cantos*. 1.^a Edição. Lisboa: Guimarães e C.^a, 1910.



Fig. 125 – 132 Retratação de 1908 e 1909, publicada numa coleção de postais, editada em ca. de 1910, no Porto por Ramiro Mourão, e em Paris pela Imp. Kossuth. A. Herculano - Coleção B.N.P.¹⁶¹ Restantes – Coleção particular de José Amorim.

¹⁶¹ Ext. <http://purl.pt/16530>.



Fig. 133 *Perfil de Suze*; publicado na contracapa da 1.^a edição, em 1910, de *Serão Inquieto*, de António Patrício¹⁶².

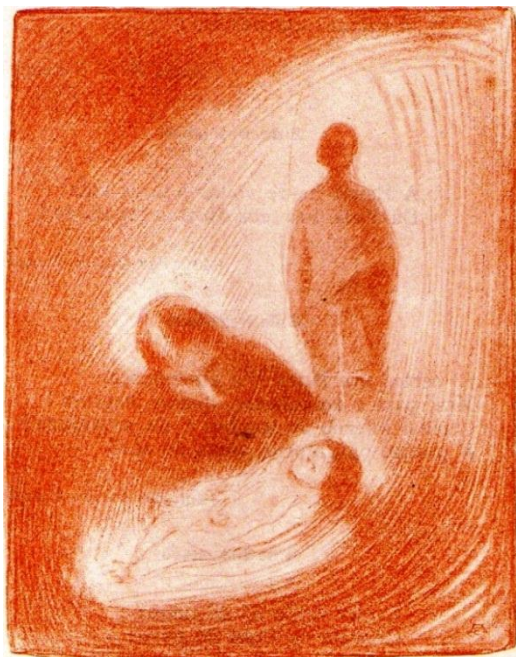


Fig. 134 dezembro: *Nascimento de Cristo – Renascimento de Portugal*; publicado na 1.^a edição, em 1918, da agenda *Dias que passam, dias que ficam, em que dia nasceu?*, com poesia de António Correia de Oliveira selecionada por Maria Gondarém¹⁶³.

¹⁶² Ext. PATRÍCIO, António – *Ob. Cit.* (1910).

¹⁶³ Ext. GONDARÉM, Maria, OLIVEIRA, António Correia de – *Ob. cit.* (1918).



Fig. 135 Capa; publicada na 2.^a edição, em 1919, de *Egas Moniz*, drama de Jaime Cortesão¹⁶⁴.



Fig. 136 Perfil de Narciso de Azevedo; publicado na 1.^a edição, em 1919, de *Rythmos da hellada*¹⁶⁵.

¹⁶⁴ Ext. CORTESÃO, Jaime - *Egas Moniz*. 2.^a Edição. Porto: Renascença Portuguesa, 1919.

¹⁶⁵ Ext. AZEVEDO, Narciso de - *Rythmos da hellada*. 1.^a Edição. Vila Nova de Gaia: Tip. 5 de Outubro, 1919.

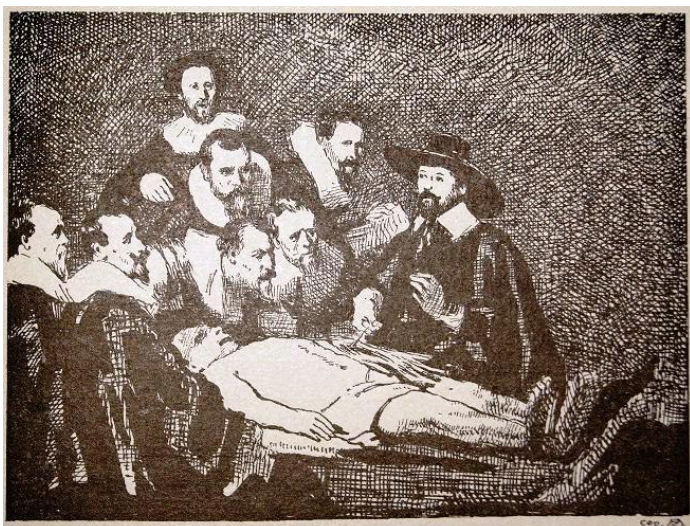


Fig. 137 Cópia e interpretação gráfica de António Carneiro, da pintura de Rembrandt: *A lição de anatomia do Dr. Nicolaes Tulp* - 1632¹⁶⁶; publicada na 1.^a edição, em 1922, do memorial de Francisco Tavares Proença a F.A. de Oliveira Feijão. Esta ilustração, acompanha um capítulo dedicado ao contributo de F.A. de Oliveira Feijão, no ensino da anatomia em Portugal¹⁶⁷.



Fig. 138 Gago Coutinho e Sacadura Cabral; grafismo laudatório da sua travessia do atlântico, publicado, em 1922, na capa da revista *Ilustração Portuguesa*¹⁶⁸.

¹⁶⁶ Vd. <http://www.mauritshuis.nl/index.aspx?chapterid=2340&contentid=17233&SchilderijTop10SsOtName=Inventarisatienummer&SchilderijTop10SsOv=146>.

¹⁶⁷ Ext. PROENÇA, Francisco Tavares de – *Ob. Cit.* (1922).

¹⁶⁸ Ext. *Ilustração Portuguesa*. II Série, n.º 853, Lisboa: junho de 1922.

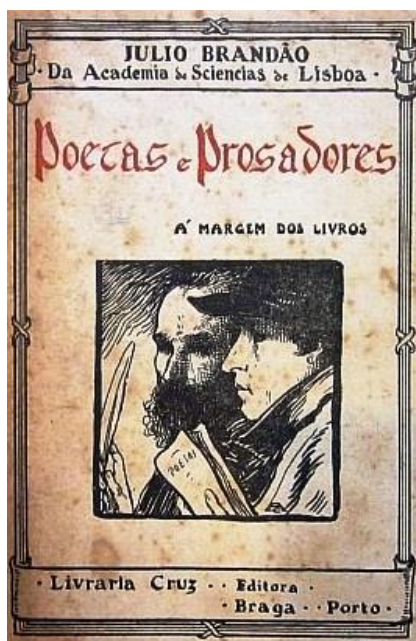


Fig. 139 Capa; publicada na 1.^a edição, em 1923, de *Poetas e Prosadores*, de Júlio Brandão¹⁶⁹.

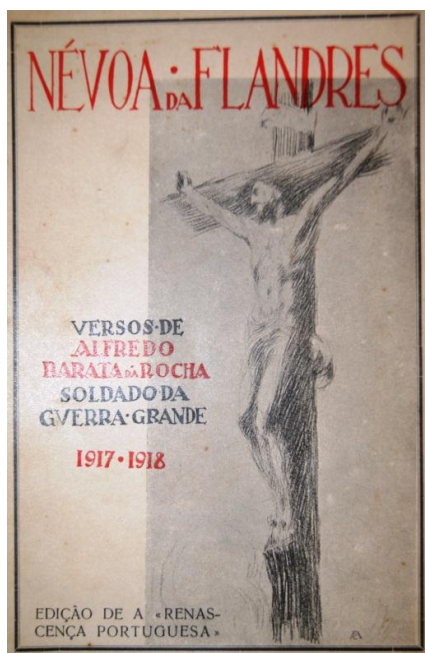


Fig. 140 O Cristo das trincheiras¹⁷⁰; capa da 1.^a edição, em 1924, de uma súpula de versos dedicados às memórias da 1.^a Guerra Mundial, de Alfredo Barata da Rocha¹⁷¹.

¹⁶⁹ Ext. BRANDÃO, Júlio - *Poetas e prosadores: à margem dos livros*. Primeira série. 1.^a Edição. Porto, Braga: Livraria Cruz, 1923.

¹⁷⁰ Vd. *Portugal na Guerra. Revista quinzenal Ilustrada*. Ano I, n.º 5, Paris: outubro de 1917, p. 10.

¹⁷¹ Ext. ROCHA, Alfredo Barata da - *Névoa da Flandres*. 1.^a Edição. Porto: Renascença Portuguesa, 1924.



Fig. 141 *Hino da raça*; pintura original, a óleo sobre tela, do grafismo reproduzido, em 1925, na 1.ª edição do álbum *Virtudes e Heroísmos Lusíadas*, de Estefânia Cabreira e Oliveira Cabral¹⁷².



Fig. 142 *Convalescente*; retrato de Maria Josefina doente, de ca. 1915, publicado no n.º 3 de 1928, da IV série da revista *A Águia*. O último desenho que o artista publicou nesta revista portuense¹⁷³.

¹⁷² Ext. [http://www.renascimento-sa.pt/catalogospdf/arquivo/053/Catalogos_PDF/CATALOGO_LEILAO-053_\[15-DEZ2011\].pdf](http://www.renascimento-sa.pt/catalogospdf/arquivo/053/Catalogos_PDF/CATALOGO_LEILAO-053_[15-DEZ2011].pdf).

¹⁷³ Ext. *A Águia*. IV Série, n.º 3, Porto: junho de 1928.



Fig. 143 *Sacerdote – Retrato de Teixeira de Pascoaes*; publicado na 1.^a edição, em 1929, de *Canções do amor à terra*, de Estefânia Cabreira e Oliveira Cabral¹⁷⁴.



Fig. 144 *Camões de pé recitando “Os Lusíadas”* – estudo para a 2.^a versão de Camões lendo “Os Lusíadas” aos frades de São Domingos, de 1929; publicado na capa do 1.º Volume, em 1929, da *Revista Internacional*¹⁷⁵.

¹⁷⁴ Ext. CABREIRA, Estefânia, CABRAL, Oliveira – *Ob. cit.* (1929).

¹⁷⁵ Ext. *Revista Internacional. O Soneto Neo - Latino*. n.º 1, Vila Nova de Famalicão: 1929.